



MONTEMOR | O | NOVO câmara municipal



Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios PMDFCI

COMISSÃO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS CADERNO I

Dezembro de 2014

Elaborado em conformidade com a Portaria n.º 1139/2006 de 25 de outubro e com o Decreto-Lei n.º 17/2009, de 14 de janeiro que republicou o Decreto-Lei n.º 124/2006, de

28 de junho

ÍNDICE

CADERNO I - DIAGNÓTICO (INFORMAÇÃO DE BASE)	12
1. CARATERIZAÇÃO FÍSICA.....	13
1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO	13
1.2. HIPSOMETRIA.....	13
1.3. DECLIVE	14
1.4. EXPOSIÇÃO.....	15
1.5. HIDROGRAFIA.....	16
2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA.....	17
2.1. REDE CLIMATOLÓGICA	17
2.2. TEMPERATURA DO AR.....	18
2.2.1. Humidade relativa do ar.....	19
2.2.2. Precipitação	20
2.2.3. Vento.....	22
3. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	24
3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1991/2001/2011) E DENSIDADE POPULACIONAL (2011)	24
3.2. ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E SUA EVOLUÇÃO (2001-2011)	26
3.3. POPULAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE 2011	27
3.4. TAXA DE ANALFABETISMO (1991/2001/2011).....	28
3.5. ROMARIAS E FESTAS	28
4. CARATERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS.....	29
4.1. OCUPAÇÃO DE SOLO	30
4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS	31
4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 E REGIME FLORESTAL.....	33
4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL	35
4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E PESCA.....	36
5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS	36
5.1. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO ANUAL.....	37
5.2. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO MENSAL	41
5.3. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO SEMANAL.....	42
5.4. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA	44
5.5. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA	45
5.6. ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS.....	46
5.7. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO.....	47
5.8. PONTOS DE INÍCIO E CAUSAS.....	48
5.9. FONTES DE ALERTA	49
5.10. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA> 100 HECTARES) – DISTRIBUIÇÃO ANUAL	51
5.11. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA > 100 HECTARES) – DISTRIBUIÇÃO MENSAL.....	52

5.12.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA > 100 HECTARES) – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL	53
5.13.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA > 100 HECTARES) – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA.....	54
	<i>CADERNOS I E II – ANEXOS</i>	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Dados das normais climatológicas (1971-2000). (Fonte, IPMA)	17
Figura 2 - Valores mensais da temperatura média, média dos valores máximos e média dos valores mínimos no período compreendido entre 1971-2000.....	18
Figura 3 - Valores médios mensais da humidade relativa média do ar media às 9:00h no período compreendido entre 1971-2000	19
Figura 4 - Média da quantidade de precipitação total e maior valor da quantidade de precipitação diária (mm) no período compreendido entre 1971-2000.....	21
Figura 5 - Quadro com as médias mensais da frequência e velocidade do vento no Concelho de Montemor-o-Novo para o período compreendido entre 1971-2000.....	22
Figura 6 - Representação dos valores mensais da velocidade média do vento (km/h) observados no período compreendido entre 1971-2000.....	23
Figura 7 - Representação dos valores mensais da rajada máxima (km/h) observados no período compreendido entre 1971-2000	23
Figura 8: Quadro com registo das áreas por ocupação do solo por freguesia	30
Figura 9: Quadro com registo da área florestal total e das áreas ocupadas por tipo de espécies/povoamentos florestais, por freguesia.....	31
Figura 10 - Distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências 2000-2013.....	38
Figura 11 - Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média do quinquénio 2009-2013, por freguesia.	39
Figura 12 – Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2009-2013 por espaços florestais em cada 100 hectares, por Freguesia.....	40
Figura 13 – Distribuição mensal de área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média da área ardida no período de 2000-2013	41
Figura 14 – Distribuição semanal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média 2000-2013.....	43
Figura 15 – Distribuição dos valores diários acumulados da área ardida e do n.º de ocorrências (2000-2013).....	44
Figura 17 - Distribuição da área ardida por espaços florestais no período de 2009 a 2013.....	47
Figura 18 – Distribuição da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão no período 2000 a 2013.....	48
Figura 19 – Distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta 2009-2013	50
Figura 20 – Distribuição do número de ocorrências por fonte e hora de alerta 2009-2013.....	50
Figura 22 - Quadro com a Distribuição anual do número de grandes incêndios por classes de área.....	52
Figura 23 - Distribuição Mensal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013).	53
Figura 24 - Distribuição semanal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013)	54
Figura 25: Distribuição horária da área ardida e do n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013).....	55

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – Área Ocupada com e sem necessidade de intervenção e distribuição da área total com necessidade de intervenção, por ano, para o período de vigência do PMDFCI

ANEXO 2 – Distribuição da Rede Viária Florestal com e sem necessidade de intervenção para o período de vigência do PMDFCI

ANEXO 3 – Identificação da Rede de Pontos de Água

ANEXO 4 – Intervenção na Rede Viária Florestal para o período de vigência do PMDFCI

ANEXO 5 - O Património Histórico-Cultural por Freguesia, Inventariado na Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

ANEXO 6 – Ficha de Controlo e Atualização do PMDFCI

ANEXO 7 – Sensibilização da População – Diagnóstico

ANEXO 8 – Sensibilização da População – Objetivos e Ações

ANEXO 9 – Sensibilização da População – Estimativa de Orçamentos e Responsáveis

ANEXO 10 – Fiscalização

ANEXO 11 – Fiscalização - Objetivos e Ações

ANEXO 12 – Fiscalização – Estimativa de Orçamento e Responsáveis

ANEXO 13 – Descrição da Rede de Vigilância Fixa, Oficial, do Concelho de Montemor-o-Novo

ANEXO 14 – Entidades Envolvidas em Cada Ação e Inventário de Equipamento e Ferramentas de Sapador

ANEXO 15 – Meios Complementares de Apoio ao Combate

ANEXO 16 – Dispositivos Operacionais – Funções e Responsabilidades

ANEXO 17 – Nível de Alerta Amarelo pela ANPC

ANEXO 18 – Nível de Alerta Laranja pela ANPC

ANEXO 19 – Nível de Alerta Vermelho pela ANPC

ANEXO 20 – Procedimentos de Atuação Perante os Níveis de Alerta Amarelo, Laranja e Vermelho

ANEXO 21 – Lista Geral de Contactos

ANEXO 22 – Vigilância e Detecção, 1.ª Intervenção, Combate, Rescaldo e Vigilância Pós-Incêndio – Metas e Responsabilidades

ANEXO 23 – Vigilância e Detecção, 1.ª Intervenção, Combate, Rescaldo e Vigilância Pós-Incêndio – Orçamento Das Ações Propostas

ANEXO 24 – Identificação de Responsabilidades na DFCl, por Entidade

ANEXO 25 – Competências das Entidades Intervenientes, por Eixo Estratégico

ANEXO 26 – Romarias e Festas do Concelho de Montemor-o-Novo

ÍNDICE DE CARTOGRÁFICO

- Mapa N.º 1 - Enquadramento Geográfico
- Mapa N.º 2 - Mapa Hipsométrico
- Mapa N.º 3 - Mapa de Declive
- Mapa N.º 4 - Mapa de Exposições
- Mapa N.º 5 - Mapa da Rede Hidrográfica
- Mapa N.º 6 - Mapa da População Residente e Densidade Populacional
- Mapa N.º 7 - Mapa do Índice de Envelhecimento
- Mapa N.º 8 - Mapa de População por Sector de Atividade Económica
- Mapa N.º 9 - Mapa de Taxa de Analfabetismo
- Mapa N.º 10 - Mapa de Festas e Romarias
- Mapa N.º 11 - Mapa de Ocupação do Solo
- Mapa N.º 12 - Mapa de Povoamentos Florestais
- Mapa N.º 13 - Mapa de Rede Natura 2000
- Mapa N.º 14 - Mapa de Instrumentos de Gestão Florestal
- Mapa N.º 15 - Mapa de Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca
- Mapa N.º 16 - Mapa de Áreas Ardidas
- Mapa N.º 17 - Mapa de Pontos Prováveis de Início e Causas

ACRÓNIMOS

AGRO – Programa Operacional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural

AGRIS – Medida da Agricultura e Desenvolvimento Rural

AIBT – Ações Integradas de Base Territorial

AMT – Alta e Média Tensão

AMDE – Associação de Municípios do Distrito de Évora

ANPC – Autoridade Nacional de Proteção Civil

AFN – Autoridade Florestal Nacional

AS – Ambulância de Socorro

BVMN – Bombeiros Voluntários de Montemor-o-Novo

CDOS – Comando Distrital de Operações de Socorro

CM – Caminho Municipal

CMMN – Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

CMDFCI – Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios

CMOEPC – Centro Municipal de Operações de Emergência de Proteção Civil

CMPC – Comissão Municipal de Proteção Civil

CNOS – Comando Nacional de Operações de Socorro

COD – Comandante Operacional Distrital

COS – Carta de Ocupação de Solo

CRIF – Carta de Risco de Incêndio Florestal

DFCI – Defesa da Floresta Contra Incêndios

DGRF – Direção Geral de Recursos Florestais

ECIN – Equipas de Combate a Incêndios

EDP – Eletricidade de Portugal

EN – Estrada Nacional

EP – Estradas de Portugal

EPF – Equipas de Proteção Florestal

EPNA – Equipas de Proteção da Natureza e do Ambiente

ER – Estrada Regional

ETAR – estação de tratamento de Águas Residuais

FFP – Fundo Florestal Permanente

FGC – Faixa de Gestão de Combustíveis

FIC – Faixas de Interrupção de Combustível

FRC – Faixas de Redução de Combustível

GAPS – Gestão Ativa e Participada do Sítio de Monfurado

GNR – Guarda Nacional Republicana

GPCS – Gabinete de Proteção Civil e Segurança

IC – Itinerário Complementar

ICNB – Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade

IES – Instituições de Ensino Superior

INAG, I.P. – Instituto da Água, Instituto Público (Autoridade Nacional da Água)

INE – Instituto Nacional de Estatística

INEM – Instituto Nacional de Emergência Médica

IGP – Instituto Geográfico Português

IGF – Instrumentos de Gestão Florestal

IP – Itinerário Principal

IPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico

IPJ – Instituto Português da Juventude

LEE – Local estratégico de Estacionamento

LPMA – Liga dos Pequenos e Médios Agricultores

SEPNA / GNR – Serviço da Proteção da Natureza e do Ambiente da GNR

M - Manutenção

MAT – Muito Alta Tensão

NC – Não Classificado

NFFL – Northern Forest Fire Laboratory

OSP – Operações de Silvicultura Preventiva

PA – Ponto de Água

PAC – Política Agrícola Comum

PC – Proteção Civil

PDM – Plano Diretor Municipal

PEEDIF – Plano Especial de Emergência para Incêndios Florestais

PEOFA – Plano Específico de ordenamento Florestal do Alentejo

PFC – Plano de Fogo Controlado

PGF – Plano de Gestão Florestal

PIB – Produto Interno Bruto

PMDFCI – Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios

PME – Plano Municipal de Emergência

PNDFCI – Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios

POA – Programa Operacional do Ambiente

POAAP – Planos de Ordenamento de Albufeiras de Águas Públicas

POM – Plano Operacional Municipal

PRN – Plano Rodoviário Nacional

PROF – Plano Regional de Ordenamento do Território

PROFAC – Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alentejo Central

PSRN 2000 – Plano Sectorial de Rede Natura 2000

PV – Posto de Vigia

RDFCI – Rede de Defesa da Floresta Contra Incêndios

REFER – Rede Ferroviária Nacional

REN – Rede Elétrica Nacional

RNPV – Rede Nacional de Postos de Vigia

RSFGC – Rede Secundária de faixas de Gestão de Combustível

RURIS – Plano de Desenvolvimento Rural

RVF – Rede Viária Florestal

SEPNA - Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente

SIG – Sistemas de Informação Geográfica

SNBPC – Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil

SNIRH – Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos

SM – Sub-Mediterrânica

SMPC – Serviço Municipal de Proteção Civil

TT – Todo-o-Terreno

UR – Urbano

VCOT – Veículo de Comando Tático

VFCI – Veículo Florestal de Combate a Incêndios

VJF – Voluntariado Jovem para as Florestas

VSAT – Veículo de Socorro e Assistência Tático

VTGC – Veículo Tanque de Grande Capacidade

VTTU – Veículo Tanque Tático Urbano

VUCI – Veículo Urbano de Combate a Incêndios

ZEC – Zona Especial de Conservação

ZPE – Zona de Proteção Especial

CADERNO I - DIAGNÓTICO (INFORMAÇÃO DE BASE)

1. CARATERIZAÇÃO FÍSICA

1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO

O Alentejo, região onde se insere o Concelho de Montemor-o-Novo, tem uma área de cerca de 31 604,9 km², ocupando cerca de um terço do território de Portugal Continental. O concelho de Montemor-o-Novo localiza-se, mais concretamente, no Alentejo Central e administrativamente pertence ao Distrito de Évora.

Este Concelho é o sétimo maior a nível nacional, ocupando uma área de cerca de 1 233 km², o que corresponde a 17,1% da área total do Alentejo Central e a 3,9% do total da Região Alentejo.

O concelho de Montemor-o-Novo divide-se em sete freguesias, nomeadamente: Cabrela com 192,3 km², Ciborro com 55,5 km², Foros de Vale Figueira com 67,4 km², Santiago do Escoural com 138,7 km², São Cristóvão com 145,9 km², União das Freguesias de Cortiçadas de Lavre e Lavre com 213,7 km² e União das Freguesias de Nossa Senhora da Vila, Nossa Senhora do Bispo e Silveiras com 419,5 km². Nesta última, detentora de uma significativa área rural, insere-se a maior zona urbana do concelho, a cidade de Montemor-o-Novo, mapa 1.

Em termos administrativos, o concelho de Montemor-o-Novo insere-se no Departamento de Conservação da Natureza e Florestas (DCNF) do Alentejo, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e na NUTS III da mesma sub-região, sendo delimitado, pelos Concelhos de Vendas Novas e Montijo a Oeste, Alcácer do Sal e Viana do Alentejo a Sul, Évora e Arraiolos a Este e Coruche a Norte (mapa 1).

1.2. HIPSOMETRIA

A altitude é um fator orográfico de grande importância, uma vez que a sua variação provoca alteração de vários elementos climáticos e, conseqüentemente, no coberto vegetal. No âmbito DFCI, revela-se muito importante por ser um fator que pode dificultar, de forma significativa, o combate aos incêndios.

De acordo com o mapa n.º 2, verifica-se que a altitude máxima em toda a área não ultrapassa os 428 metros, correspondendo estas áreas à parte Norte da Serra de Monfurado. As áreas com altitudes superiores a 293 metros representam apenas cerca de 5% do Concelho e localizam-se mais concretamente a Sudeste da antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila e numa faixa a Nordeste de Santiago do Escoural.

A classe de hipsometria mais representativa situa-se entre os 157 e os 202 metros, ocupando 26% da área do Concelho. Esta classe encontra-se localizada ao longo da faixa central abrangendo as freguesias de Ciborro, Foros de Vale Figueira, a antiga freguesia de Nossa Senhora do Bispo, a antiga freguesia de Silveiras, São Cristóvão e Santiago do Escoural.

Conjugando as classes compreendidas entre os 20 e os 157 metros, e entre 202 e os 293 metros, constata-se que estas ocupam 38% e 30% do Concelho, respetivamente. As classes inferiores a 100 metros encontram-se localizadas a Oeste, ocupando 19% da área total do concelho.

De uma maneira geral, o Concelho de Montemor-o-Novo não apresenta uma altitude muito acentuada. No entanto, no Sítio de Monfurado, e em particular na Serra de Monfurado, localizada a Sudeste do Concelho, a altitude atinge o valor mais elevado, requerendo, por isso, uma vigilância mais rigorosa.

1.3. DECLIVE

O declive tem uma influência significativa na velocidade de progressão e intensidade dos incêndios florestais, por outro lado o declive elevado também condiciona o acesso de meios humanos e materiais, dificultando assim o combate. O declive condiciona também a infiltração das águas, o processo de erosão e o ângulo de incidência dos raios solares. Com base no mapa de declives, (mapa n.º 3) pode dizer-se que o Concelho de Montemor-o-Novo apresenta uma certa homogeneidade na distribuição das classes de declives. Assim, com base na repartição das respetivas percentagens, regista-se um claro predomínio da classe mais baixa (0-5%), representando 46% do Concelho, e diz respeito a áreas planas, quase planas e de declive suave. A classe que representa terrenos inclinados, com declive entre os 5 a 10%, ocupa 29% do território. Quanto às classes que demonstram os declives mais elevados, áreas inclinadas a muito inclinadas representam, apenas 14%, 9% e 2% respetivamente.

No que diz respeito à repartição espacial, e cruzando esta carta com a da divisão administrativa, os declives mais elevados ocorrem na parte Este da freguesia de Cabrela e no limite desta com a antiga freguesia de Silveiras, correspondendo a encostas dos vales da Ribeira de São Martinho, a Sul e de São Romão a Norte. Surgem também áreas mais declivosas a Este do concelho nomeadamente no sector Sudoeste da antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila e numa faixa com sentido Noroeste – Este, em Santiago do Escoural (mapa n.º 3).

Comparando o mapa de declives com a ocupação florestal, verifica-se que as áreas de declive mais acentuado coincidem, na sua maioria, com florestas de sobreiro e azinheira, consideradas espécies mais resistentes ao fogo. Por outro lado, as maiores manchas de pinheiro-bravo e de eucalipto (espécies de maior inflamabilidade) encontram-se, maioritariamente, em zonas de declive moderado. Ao nível da DFCI será necessário ter particular atenção aos locais onde o declive é mais acentuado e coincida com povoamentos florestais, nomeadamente a Norte, Oeste e Sudoeste do Concelho.

1.4. EXPOSIÇÃO

A exposição de um terreno corresponde à sua orientação geográfica, estando relacionada com o grau de insolação que nele incide. Assim, as encostas que recebem maiores quantidades de insolação são mais propícias à deflagração e propagação de incêndios florestais, uma vez que nestas as temperaturas aumentam, o que origina a diminuição do teor de humidade dos combustíveis e conseqüentemente o aumento da sua inflamabilidade. Parâmetros como a temperatura, humidade relativa do ar, velocidade e direção dos ventos locais estão diretamente relacionados com esta variável fisiográfica, tendo grandes implicações no planeamento da DFCI.

Analisando o mapa de exposições do Concelho de Montemor-o-Novo (mapa n.º 4), verifica-se que as áreas planas são predominantes, representando 23%, assim como as vertentes viradas a Oeste que representam igualmente 23% da área do concelho. Também com alguma expressividade refere-se a vertente virada a Sul, com 21%, seguida das Norte e Este com, 18% e 15%, respetivamente.

Ao nível da DFCI, sabe-se que são as zonas viradas a Sul as mais vulneráveis à ocorrência de incêndios, uma vez que, recebem mais radiação solar. Esta situação associada a outros fatores, nomeadamente, tipo de vegetação e baixo teor de humidade, é propícia à ocorrência de incêndios. No caso do Concelho de Montemor-o-Novo, verifica-se que na zona da Serra de Monfurado e sua envolvente, assim como, na zona central da antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila e a Norte da freguesia de São Cristóvão, predominam as exposições a Sul.

1.5. HIDROGRAFIA

Do ponto de vista hidrográfico, o Concelho de Montemor-o-Novo é atravessado a Norte pela Ribeira de Lavre, ao Centro pelo Rio Almansor, a Sul pelas Ribeiras de São Martinho e São Cristóvão e a Sudoeste pela Ribeira de Cabrela. É importante referir, que o Rio Almansor é o principal curso de água do Concelho, fazendo-se a sua drenagem superficial para o quadrante Noroeste.

No que refere à forma dos vales definidos pelos principais cursos de água, estes caracterizam-se por vales encaixados, com alternância de zonas caracterizadas por relevo menos acentuado que origina vales mais abertos. Os cursos de água referidos, assim como todos os outros presentes no concelho, caracterizam-se pelo seu carácter sazonal (cursos de água intermitentes), que em época estival assumem uma influência negativa na DFCI, em consequência da elevada secura estival, que leva à acumulação de combustível nos leitos secos das linhas de água, sendo de extrema importância investir no planeamento do controlo dos matos que frequentemente aqui se desenvolvem.

No que se refere a reservas hídricas superficiais que assumem especial relevância na DFCI, destacam-se as seguintes albufeiras (mapa n.º 5):

- Minutos, na União das Freguesias de Nossa Senhora da Vila, Nossa Senhora do Bispo e Silveiras, com uma capacidade total de 52.000 dam³;
- Pedrógão e Caneira, na União das Freguesias de Cortiçadas de Lavre e Lavre, com capacidade total de 4.500 dam³, 31,5 dam³, respetivamente;
- Anta, na freguesia de Santiago do Escoural, com 600 dam³ de capacidade total;
- Atabueira, na freguesia do Ciborro, com capacidade total de 18.000 dam³.

2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

O clima da região é tipicamente mediterrâneo, com amplitudes térmicas significativas e marcadas diferenças entre a estação seca e a estação chuvosa. A área integra-se no andar meso-mediterrâneo inferior, com ombroclima dominante sub-húmido, registando-se valores médios de precipitação em torno dos 900 mm/ano, e com índice de continentalidade euroceânico (Gomes, 1997, p. 7-8), ainda que ao longo do ótimo climático do Atlântico se tenham, seguramente, registado níveis de humidade médios superiores aos atuais. (www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/48/TA48034.pdf).

Segundo o Instituto do Ambiente, a temperatura média anual varia entre os 15,0°C e os 17,5°C, existindo zonas localizadas a Oeste onde a temperatura pode atingir valores superiores a 17,5°C. Quanto à humidade relativa do ar, esta pode variar entre os 65% e os 75% nos meses de Inverno, descendo acentuadamente no Verão. De acordo com os dados de precipitação disponibilizados pelo Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH) do INAG, conclui-se que a precipitação média anual do Concelho varia entre os 500 e os 700 mm.

Estações Meteorológicas	Latitude (°N)	Longitude (°W)	Altitude (m)	Período de Observação	Dados analisados	Fonte
ÉVORA 557 - AERÓDROMO	38°34'	07°54'	309	1971 - 2000	Temperatura do ar	Normais climatológicas - IPMA
					Humidade relativa do ar	
					Velocidade do vento	
					Precipitação	

Figura 1 - Dados das normais climatológicas (1971-2000). (Fonte, IPMA)

2.1. Rede Climatológica

A caracterização climática do Concelho de Montemor-o-Novo foi efetuada com base na análise das condições médias dos parâmetros meteorológicos específicos para a região em estudo, para o intervalo de tempo de 30 anos. A caracterização foi efetuada recorrendo aos dados das normais climatológicas para o período 1971-2000 adquiridas junto do Instituto Português do Mar e da Atmosfera. O clima da região é caracterizado através dos seguintes parâmetros: temperatura do ar, humidade relativa do ar, precipitação e vento. Para o efeito utilizaram-se os dados da estação meteorológica de Évora.

2.2. Temperatura do ar

A temperatura do ar é um parâmetro meteorológico de grande importância na prevenção e combate dos incêndios florestais. A variação da temperatura é condicionada por diversos fatores, nomeadamente, pelo relevo, pela latitude, pela natureza do coberto vegetal, pela continentalidade e pelo regime dos ventos.

No gráfico seguinte estão representadas a média das temperaturas médias diárias, a média das temperaturas máximas diárias e a média das temperaturas mínimas diárias para o período compreendido entre 1971 e 2000.

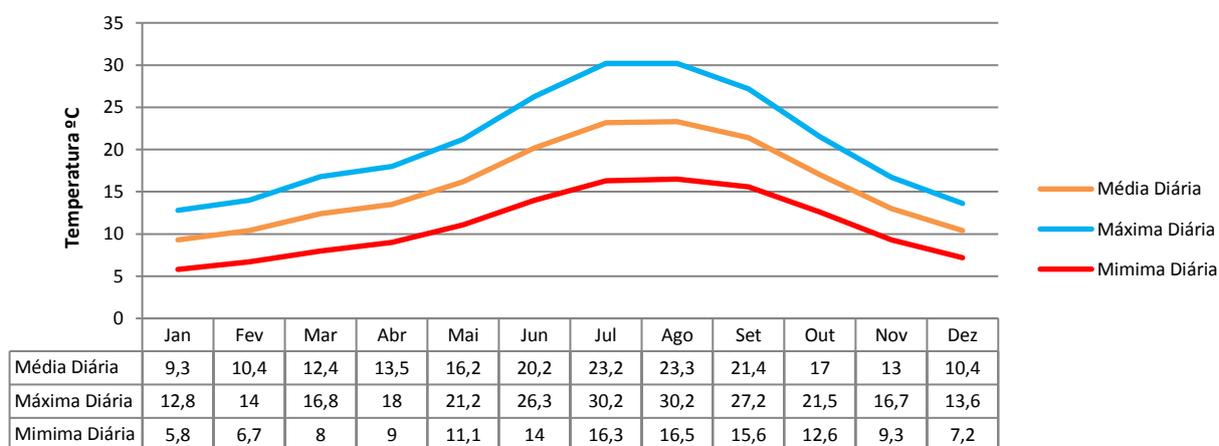


Figura 2 - Valores mensais da temperatura média, média dos valores máximos e média dos valores mínimos no período compreendido entre 1971-2000

Através da figura 2, observa-se o comportamento diário da temperatura do ar, registando-se temperaturas mais elevadas nos meses de julho, agosto e setembro. Por outro lado, os meses de julho e agosto são os que registam valores mais elevados de temperatura média diária, máxima diária e mínima diária.

Relativamente às implicações na DFCL poderá dizer-se que as temperaturas elevadas verificadas no Concelho, durante a época estival, são favoráveis à ocorrência de incêndios, uma vez que a temperatura do ar influencia a humidade relativa, pois quanto mais elevada esta for, menor capacidade o ar tem de conter o vapor de água. Da mesma forma que temperaturas elevadas tornam os combustíveis mais secos e, por conseguinte, mais aumentam as condições para a ignição e rápida propagação de incêndios.

Desta forma, é importante referir que a temperatura varia durante o dia, em estreita relação com o movimento diurno do sol. Assim, apresenta um mínimo ao nascer do sol, uma vez que vai decrescendo durante a noite, um máximo pelas 14 horas, que não corresponde ao máximo de insolação, que ocorre ao meio-dia. Posto isto, o combate aos incêndios deve ser intensificado durante a madrugada e às primeiras horas do dia, em que as temperaturas são mais baixas e a humidade é mais elevada.

Tendo em conta a realidade do Concelho, e em particular na zona da Serra de Monfurado, as elevadas temperaturas registadas durante o verão conjugadas com o elevado risco de incêndio, declives e exposições viradas a Sul, poderão conduzir a situações problemáticas ao nível dos incêndios florestais. Pelo exposto, recomenda-se uma eficaz articulação de meios e recursos nessa zona.

2.2.1. Humidade relativa do ar

A humidade relativa do ar exprime a quantidade de vapor de água existente na atmosfera. É um parâmetro que ao longo do dia varia na razão inversa da evolução da temperatura, atingindo os valores mais baixos durante a tarde, quando a temperatura do ar é mais elevada. A representação gráfica da humidade relativa do ar, medida às 9 horas, é a seguinte.

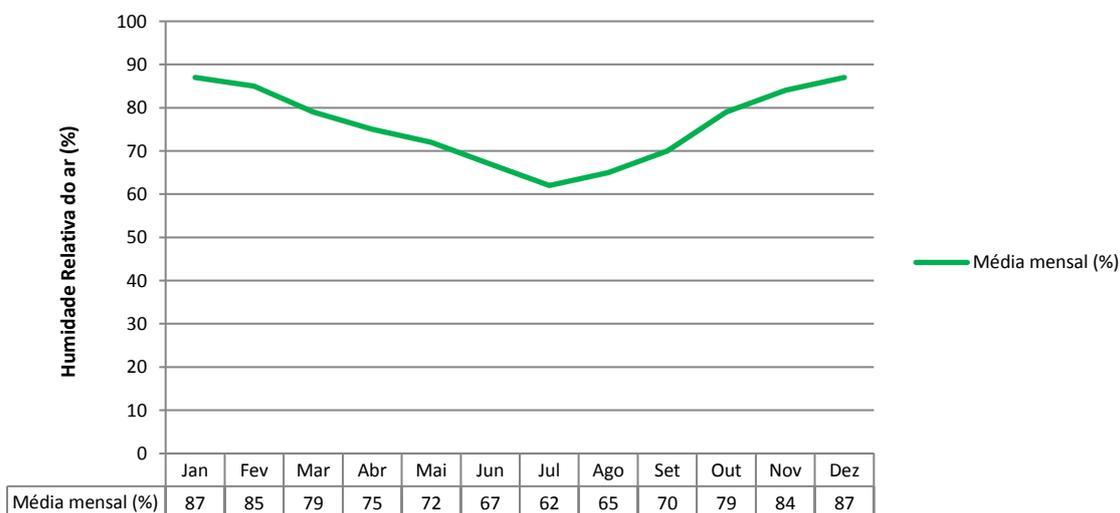


Figura 3 - Valores médios mensais da humidade relativa média do ar média às 9:00h no período compreendido entre 1971-2000

Pela análise da figura anterior, verifica-se que a humidade relativa do ar apresenta um valor médio anual de 76%, atingindo o valor máximo nos meses de janeiro e dezembro com 87% e o valor mínimo nos meses de julho e agosto, com 62% e 65% respetivamente.

Conjugando os valores de humidade relativa com os da temperatura do ar, verifica-se que estes parâmetros apresentam relação inversa entre si, correspondendo temperaturas mais elevadas a menores valores de humidade relativa. A situação descrita ocorre principalmente durante o período estival, influenciando o teor de humidade dos combustíveis florestais, e consequentemente aumentando o risco de incêndio.

No Concelho de Montemor-o-Novo, nos meses de Verão a humidade relativa atinge valores na ordem dos 60%, às 9h da manhã, este valor atinge um mínimo durante o período da tarde. Assim, em locais onde as exposições são viradas a Sul, os combustíveis atingem baixo teor de humidade o que, poderá criar condições propícias à deflagração de incêndios. Tal como referido, quanto maior for a temperatura do ar menor é a sua capacidade de conter a humidade, o que vem dificultar, por um lado, o combate aos incêndios florestais e proporcionar, por outro, condições ótimas à sua propagação durante o dia.

2.2.2. Precipitação

A precipitação que ocorre em determinado local tem efeito importante nos sistemas de drenagem, na humidade do solo e por conseguinte na humidade dos combustíveis. Com base nos dados pluviométricos fornecidos pelas normais climatológicas, verifica-se que o mês de agosto regista o valor mais baixo de precipitação, com 6,6 mm, ao contrário do mês de dezembro que se destaca por ser o mais pluvioso, com 102,7 mm de precipitação, figura 4.

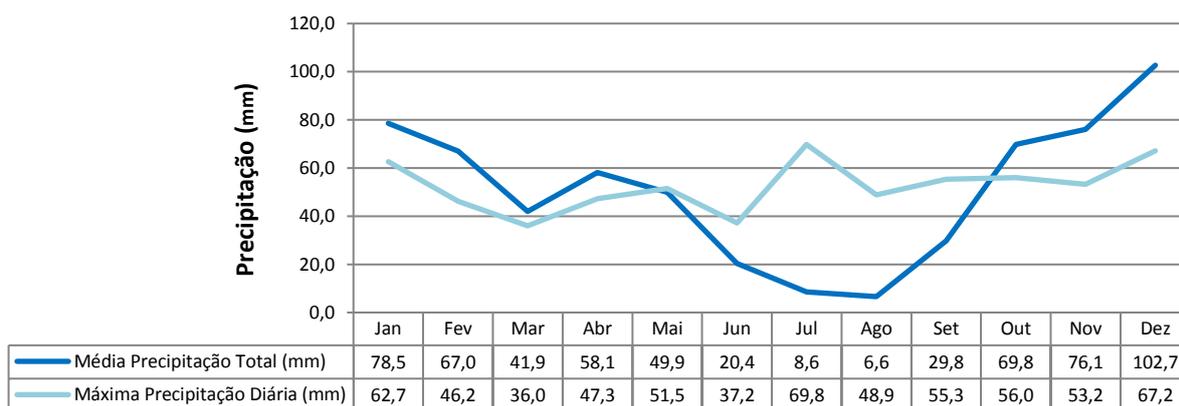


Figura 4 - Média da quantidade de precipitação total e maior valor da quantidade de precipitação diária (mm) no período compreendido entre 1971-2000

De uma forma geral, os valores máximos de precipitação ocorrem de outubro a fevereiro, sendo que 67,7% do total da precipitação ocorre nos referidos meses, o que corresponde às estações Outono e Inverno. Avaliando o padrão global de precipitação anual no Concelho de Montemor-o-Novo, observa-se que 50,8 mm correspondem à média anual para o período analisado.

A partir do início da Primavera, a precipitação começa a diminuir, registando-se os valores mínimos no Verão, especialmente em julho e agosto. Esta situação ocorre porque as depressões frontais se encontram, neste período, deslocadas mais para Norte da Europa, passando o nosso território a ser menos afetado por esses centros de ação.

As características climáticas mediterrâneas são elas próprias um incentivo à ocorrência de fogos florestais – em que os verões (meses de junho, julho, agosto e setembro) apresentam, normalmente, temperaturas elevadas, a precipitação é reduzida, a evaporação é forte e a vegetação devido à secura estival apresenta-se facilmente inflamável.

Assim, associando a baixa precipitação que ocorre durante os meses críticos (junho, julho, agosto e setembro) a diversos fatores, tais como, fraca humidade relativa do ar, baixa humidade dos combustíveis florestais, elevadas temperaturas e ainda uma possibilidade de ocorrência de uma rutura nos sistemas de abastecimento de água, podem conduzir a situações de preocupação para as entidades envolvidas na prevenção e combate a incêndios florestais. Por outro lado, devido á fraca precipitação que ocorre nesta altura do ano muitas barragens, charcas,

rios e ribeiras da região têm reduzida capacidade de armazenamento, tão essencial no combate aos incêndios.

2.2.3. Vento

O vento é um parâmetro muito inconstante, estando fortemente interligado com a dispersão dos incêndios florestais, merecendo por isso algum destaque no PMDFCI de Montemor-o-Novo.

No quadro seguinte (figura 5), é possível verificar a velocidade média e frequência do vento, em cada um dos pontos cardeais e colaterais, para cada mês do ano, no período compreendido entre 1971-2000. Através desta análise, consegue-se saber qual a direção preferencial do vento, em cada mês, e qual a direção em que este parâmetro se manifesta com maior intensidade.

	N		NE		E		SE		S		SW		W		NW	
	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v
Janeiro	13,8	15,5	16,1	13,6	11,0	12,2	7,2	12,4	10,7	14,7	11,2	15,7	10,9	15,8	18,8	17,9
Fevereiro	13,6	16,1	14,2	14,9	9,2	13,2	7,0	13,8	9,8	13,7	13,1	16,5	13,2	18,6	19,8	19,2
Março	18,6	16,9	12,2	15,8	7,6	14,0	5,2	13,0	6,6	12,7	10,5	15,0	12,1	16,7	27,1	19,8
Abril	18,3	17,6	9,1	15,4	5,4	13,3	4,8	13,8	9,1	13,0	12,9	15,1	14,7	16,4	25,5	19,6
Mai	16,2	17,5	5,7	14,9	3,3	13,5	3,7	13,0	8,0	13,5	15,4	15,6	17,9	15,0	29,5	19,3
Junho	17,0	16,7	4,2	13,3	2,6	12,0	2,7	11,2	7,2	11,3	14,2	13,9	18,1	14,6	33,8	19,2
Julho	19,4	18,0	4,4	14,0	2,5	11,6	2,2	11,4	5,7	10,5	12,8	13,3	15,6	14,1	37,2	20,0
Agosto	19,9	18,1	4,2	13,3	2,6	11,2	2,6	10,5	5,8	9,9	10,5	13,2	13,6	13,7	40,5	19,5
Setembro	17,3	16,0	5,6	12,5	4,2	10,4	5,3	11,5	7,8	11,9	12,8	13,4	13,0	12,8	33,6	18,5
Outubro	15,8	14,9	9,7	12,7	7,7	12,1	8,0	13,0	12,0	14,5	13,0	15,1	10,5	14,6	23,0	17,8
Novembro	17,0	15,5	14,5	12,9	11,4	11,4	8,8	13,4	9,7	13,4	10,1	15,2	8,7	15,8	19,5	18,0
Dezembro	14,2	15,7	16,5	13,2	13,5	12,4	7,5	14,3	10,0	16,0	11,8	16,3	10,1	17,4	15,8	18,0

f = frequência (%). v = velocidade do vento (km/h) às 0, 3, 6, 9, 12, 15, 18 e 21 UTC

Figura 5 - Quadro com as médias mensais da frequência e velocidade do vento no Concelho de Montemor-o-Novo para o período compreendido entre 1971-2000

De acordo com o quadro anterior constata-se que a velocidade média do vento varia ao longo do ano entre os 9,9 km/h em agosto e os 20,0 Km/h em julho, ocorrendo as maiores velocidades na direção Noroeste. Esta direção tem forte influência na Serra de Monfurado, que por sua vez se encontra localizada a Noroeste – Sudeste. Quanto à frequência do vento, a direção Noroeste é preferencial.



Figura 6 - Representação dos valores mensais da velocidade média do vento (km/h) observados no período compreendido entre 1971-2000

Relativamente à velocidade média do vento, pela figura anterior pode observar-se que esta atinge maiores velocidades nos meses de fevereiro a julho. Por outro lado, o mês que regista maior valor de velocidade média é o mês de agosto.

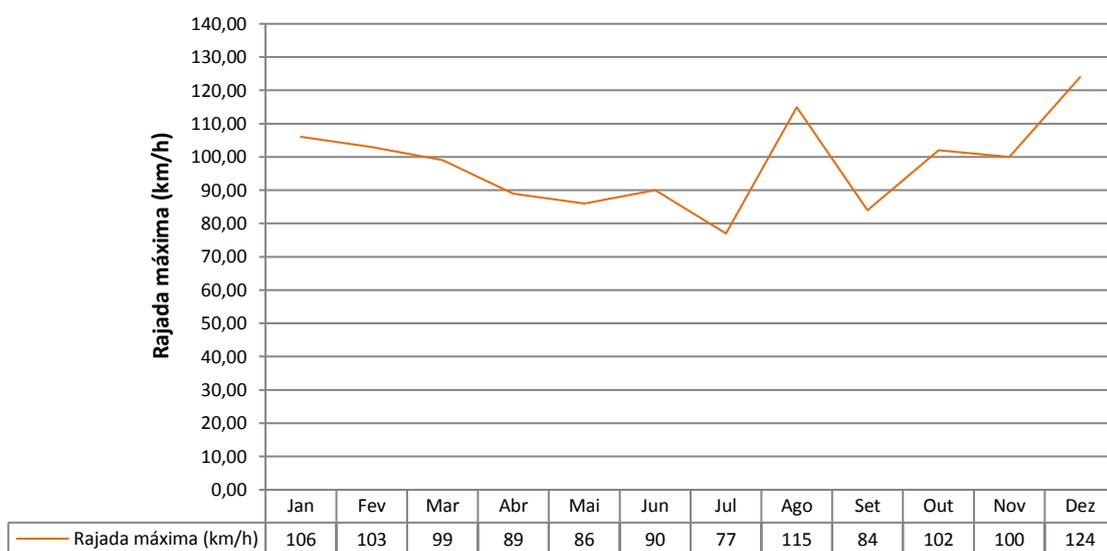


Figura 7 - Representação dos valores mensais da rajada máxima (km/h) observados no período compreendido entre 1971-2000

Relativamente à rajada máxima, esta registou-se durante o mês de agosto com um valor de 115 km/h, ver figura 7.

Pelo facto das velocidades do vento mais elevadas coincidirem com os meses mais quentes, a dispersão dos incêndios florestais é influenciada, uma vez que vento é o responsável pela oxigenação da combustão e, conseqüentemente, pela intensificação da queima, assim como pelo arrastamento de faúlhas que poderão provocar focos de incêndio a distâncias consideráveis.

3. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

3.1. População Residente por censo e freguesia (1991/2001/2011) e densidade populacional (2011)

O Concelho de Montemor-o-Novo, à semelhança do que acontece um pouco por todo o Alentejo, tem sofrido um progressivo despovoamento humano, principalmente devido às suas características edafo-climáticas, tendo presentemente uma densidade populacional de 14,1 hab/km² (Censos 2011). O seu auge demográfico foi atingido até à década de 50 do Séc. XX, com cerca de 38.800 habitantes (quando incluía o atual Concelho de Vendas Novas), tendo, a partir daí, e decorrente das suas características rurais e do modelo económico-social do fascismo, perdido cerca de 1/3 da população até ao 25 de Abril. Esta perda foi consequência das degradantes condições de vida e elevadas taxas de insegurança e desemprego levando às elevadas migrações para a Área Metropolitana de Lisboa e também para o estrangeiro. Neste período, as Freguesias de Cabrela, Santiago do Escoural e São Cristóvão perderam mais de metade da população residente.

A Revolução de Abril de 1974 e as perspetivas de desenvolvimento criadas com a Reforma Agrária (que criou 25 empresas cooperativas de novo tipo, criando 3.000 novos postos de trabalho, que conduziram a uma melhoria das condições sociais e de trabalho do Concelho) permitiu inverter a tendência herdada do fascismo. Com efeito, o Concelho, pela primeira vez em 50 anos, recupera população (mais de 9%) a uma taxa superior à Região e ao País.

Na década de 80 (Séc. XX), o decréscimo populacional foi constante, como aconteceu, aliás, em todo o Alentejo em consequência da destruição da reforma agrária. Inicia-se, então, uma profunda transformação económica, ainda em curso, com a quebra de importância e alteração económica e social no sector agrícola e a ascensão de novos sectores, nomeadamente, nas áreas da construção civil e dos serviços.

Na década de 90, a tendência de quebra da população é travada, apesar de uma ligeira diminuição verificada nas Freguesias rurais. Nas Freguesias de Nossa Senhora da Vila e Nossa Senhora do Bispo (entretanto extintas), onde se situa a cidade regista-se o oposto.

O efetivo populacional do Concelho de Montemor-o-Novo não tem apresentado grandes alterações, sendo que, segundo os Censos de 1981, 1991, 2001 e 2011, do Instituto Nacional de Estatística (INE), o Concelho contou com um efetivo populacional de 20.210, 18.632, 18.578 e 17.437 habitantes, respetivamente.

Comparando estes dados com os do Alentejo Central constata-se que os valores da população residente de 1991 para 2001 aumentaram, passando de 173.216 para 173.646 habitantes. No entanto, os resultados dos censos 2011 revelaram um decréscimo da população nesta região, uma vez que a população residente é de 166.822 habitantes, registando assim um decréscimo de população de 2001 para 2011 de cerca de 2%.

Com base na informação estatística obtida pelo INE, elaborou-se o mapa n.º 6, onde a análise é feita por freguesia para o período compreendido entre 1991 e 2011. Da análise do mapa observa-se uma diminuição da população residente de 1991 para 2011, na maioria das freguesias do Concelho. No entanto, na antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila e na freguesia de Foros de Vale Figueira registou-se um aumento da população. Na antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila registou um aumento de população de 5.200 para 6.070 habitantes e na freguesia de Foros de Vale de Figueira o acréscimo de população foi de 976 para 1070 habitantes.

Particularizando a informação, as freguesias de Santiago do Escoural, S. Cristóvão e a antiga freguesia de Cortiçadas de Lavre foram as que registaram a maior variação negativa da população entre 1991 e 2011, com perda de população de 600, 457 e 315, respetivamente. As freguesias que possuem menor número de população residente em 2011 são S. Cristóvão e a antiga freguesia de Silveiras com 540 e 567 habitantes, respetivamente.

Quanto aos valores de densidade populacional, as freguesias de Cabrela e S. Cristóvão aparecem com os valores mais baixos, com 3,4 hab/km² e 3,7 hab/km², respetivamente. Pelo contrário, as antigas freguesias de Nossa Senhora do Bispo e Nossa Senhora da Vila surgem

com os maiores valores de densidade populacional, sendo estes de 44,5 hab/km² e 32,5 hab/km², respetivamente.

O despovoamento generalizado que se tem vindo a assistir no Concelho de Montemor-o-Novo, com maior incidência nas freguesias rurais, poderá ter implicações negativas na DFCI, na medida em que, o abandono continuado dos espaços rurais torna-os mais vulneráveis à ocorrência de incêndios. Desta forma, será conveniente reforçar a prevenção e a vigilância dessas áreas, no sentido de diminuir o número de focos de incêndio.

3.2. Índice de envelhecimento (1991/2001/2011) e sua evolução (2001-2011)

Segundo os dados fornecidos pelo INE (Censos 1991, 2001 e 2011), o Concelho de Montemor-o-Novo tem vindo a assistir a um envelhecimento progressivo da população, cujo Índice de Envelhecimento em 2001 era de 203,7 idosos para cada 100 jovens (INE, 2001) e em 2011 era de 214,5 (INE, 2011), registando assim um aumento considerável. O índice de envelhecimento no concelho, em 2011 é bastante superior ao do Alentejo, 178 (INE, 2011) bem como ao de Portugal Continental (128 idosos para cada 100 jovens) (INE, 2011). Este valor é, contudo, influenciado pelo aumento da esperança de vida que se situa acima da média da região e do País. Caso não se alterem as políticas nacionais e comunitárias, e o Poder Central continue a apostar na litoralização do país, prevê-se um decréscimo gradual da população jovem e um aumento da população idosa, facto semelhante em toda a região.

De 2001 para 2011, o Índice de Envelhecimento, ou seja, a relação entre a população com idade superior a 65 anos (idosos) para cada 100 jovens (com idades inferiores a 14 anos), sofreu um aumento significativo, passando de 203,7% em 2001 para 214,5% em 2011. Ao nível das freguesias, verifica-se que Cabrela foi a freguesia que mais envelheceu, registando-se um índice de envelhecimento de 148% em 1991 para 641% em 2011, seguida da antiga freguesia de Lavre, que registou um índice de envelhecimento de 98%, em 1991 e de 459%, em 2011. De uma forma geral, pode-se afirmar que todas as freguesias registaram um aumento progressivo e significativo deste índice, como se pode observar no mapa n.º 7.

Este cenário repercute-se de forma negativa na DFCI devido a vários aspetos: primeiro por se revelar um crescente abandono das atividades agro-silvo-pastoris, conduzindo por si só a um atraso na deteção e primeira intervenção, assim como, a existência de zonas agrícolas abandonadas, que levarão ao aparecimento de áreas contínuas de combustível, propícias à propagação de incêndios; segundo por estarmos perante uma população envelhecida, que também poderá servir de entrave à aceitação de novas formas de organizar e gerir as áreas florestais.

3.3. População por setor de atividade 2011

Nos últimos anos, a atividade agrícola, sobretudo como consequência da Política Agrícola Comum (PAC) e das políticas agrícolas nacionais, tem perdido importância e regista um significativo abandono. Paralelamente avança o fenómeno da concentração da propriedade rural e da quebra de peso no conjunto das atividades económicas que se traduz, também, na diminuição líquida dos postos de trabalho e num menor peso (16%) no conjunto da população ativa do Concelho.

O sector industrial representa já um peso superior ao agrícola, ocupando cerca de 22% da população ativa, mas não se pode considerar que o Concelho é industrializado. A estrutura industrial base assenta em unidades de pequena e média dimensão estando as principais indústrias relacionadas com o sector alimentar. Além destas, as unidades de construção civil têm vindo a ganhar algum espaço (mapa n.º 8).

O sector terciário tem tido um crescimento mais significativo nos últimos anos, sendo também o principal sector empregador e gerador de riqueza tanto no Alentejo como no Concelho, ocupando cerca de 57% da população ativa. Em Montemor-o-Novo, o sector dos serviços conta essencialmente com os ramos da administração, serviços pessoais e coletivos, o comércio e a restauração (mapa n.º 8).

A banca e os seguros mostraram evolução positiva no que respeita à oferta de emprego e manutenção de postos de trabalho, com qualificação média e superior. O turismo tem-se

revelado uma atividade em crescimento, principalmente o turismo rural e o agro-turismo, para os quais o Concelho apresenta excelentes condições.

O facto de se verificar um crescimento no sector dos serviços no Concelho de Montemor-o-Novo, em detrimento do sector primário, poderá conduzir a um progressivo abandono dos espaços rurais, o que favorecerá deste modo, o aumento do risco de incêndio.

3.4. Taxa de analfabetismo (1991/2001/2011)

O Concelho de Montemor-o-Novo tem vindo a assistir a uma redução da taxa de analfabetismo, verificando-se que esta regrediu 11,3% de 1991 para 2011. Segundo os censos 2011 a taxa de analfabetismo no concelho situa-se entre 10,4% e 12,5%.

Ao nível da região Alentejo, esta taxa sofreu uma diminuição, no entanto em 2011 registou-se uma taxa de 9,6%, situando-se acima da verificada em termos nacionais, que é de 5,2%.

Ao nível das freguesias, como se pode verificar através da observação do mapa n.º 9, todas sofreram uma redução desta taxa durante os anos de 1991, 2001 e 2011. Das anteriores 10 freguesias do Concelho de Montemor-o-Novo, a antiga freguesia de Silveiras foi a que sofreu uma redução mais acentuada, passando de 32,0% em 1991 para 14,0% em 2011, seguida da freguesia de S. Cristóvão que passou de 32,% em 1991 para 16,0%, em 2011.

A redução verificada na taxa de analfabetismo no Concelho de Montemor-o-Novo poderá trazer benefícios no âmbito da DFCI, uma vez que uma população mais esclarecida e instruída terá um melhor conhecimento dos comportamentos de risco associados aos espaços florestais, o que poderá conduzir a uma melhor cooperação com os agentes de proteção civil do concelho, cumprindo medidas preventivas divulgadas.

3.5. Romarias e festas

As festas e romarias que ocorrem ao longo do ano são muitas vezes responsáveis pelo início de diversos incêndios florestais (anexo 26), deste modo, é pertinente considerá-las como um fator

relevante no planeamento da defesa da floresta contra incêndios. A razão principal deste facto prende-se com o fogo-de-artifício utilizado durante estes eventos, assim como de alguma negligência, de diversa ordem, por parte das populações locais. A afluência de automóveis e pessoas durante estes períodos é também maior, merecendo, por isso, especial atenção.

O mapa n.º 10 contém as romarias e festas realizadas nas freguesias do concelho de Montemor-o-Novo. Verifica-se que estas festas se concentram nos meses de julho, agosto e setembro, meses onde se registam as temperaturas mais elevadas, e por conseguinte meses mais críticos onde se registou a maior área ardida e o maior número de ocorrências (ver ponto 5.2 do presente documento).

Pelo DL 17/2009, de 14 de janeiro que republicou o DL 124/2006, de 28 de junho, no seu artigo 29.º, não é permitido, durante o período crítico, o lançamento de qualquer tipo de foguetes. Por outro lado, em todos os espaços rurais durante o período crítico, a utilização de fogo-de-artifício ou de outros artefactos pirotécnicos, que não os indicados anteriormente deverão ser autorizados previamente pela Câmara Municipal, cumprindo o estipulado no Regulamento Municipal de Uso do Fogo.

De referir também, pelo mesmo diploma, que fora do período crítico e desde que se verifique o índice de risco temporal de incêndio de níveis muito elevado e máximo mantêm-se as restrições referidas no parágrafo anterior.

Assim sendo, é imperativa uma fiscalização próxima das populações e localidades, por parte dos agentes da autoridade, sempre que estes períodos festivos coincidam com o período crítico de incêndio

4. CARATERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

A análise da ocupação do solo é fulcral para entender a estrutura da paisagem em que se insere o Concelho de Montemor-o-Novo, e para que, posteriormente se encontrem as melhores soluções para prevenção de incêndios.

Para a análise da ocupação do solo e dos povoamentos florestais do Concelho, utilizou-se cartografia de ocupação do solo publicada pela Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central em 2011, produzida com recurso a ortofotomapas de 2005, e validada no terreno em 2008.

4.1. Ocupação de solo

Pela análise do mapa n.º 11 verifica-se a predominância da ocupação florestal e agrícola, representando estas 70% e 27,1%, respetivamente. Com menos representatividade surgem os as superfícies aquáticas com 1,5%, as áreas sociais com 1,4% e os improdutivo com menos de 1%.

Dada a predominância de áreas florestais torna-se necessário assegurar um sistema de vigilância e prevenção contra incêndios florestais mais eficaz e ativo.

Figura 8: Quadro com registo das áreas por ocupação do solo por freguesia

Ocupação do Solo (ha) Freguesia	Áreas Sociais	Agricultura	Floresta	Improdutivos	Superfícies Aquáticas
Cabrela	113,50	3804,25	15138,56	-	165,74
Ciborro	86,76	1230,86	4039,72	-	190,71
Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre	89,19	1031,38	8674,68	-	132,81
Foros de Vale de Figueira	106,07	2209,10	4374,57	-	50,32
Antiga Freguesia de Lavre	79,06	2555,37	8611,65	3,57	183,01
Antiga Freguesia Nossa Senhora da Vila	518,55	6640,37	11069,57	2,78	470,65
Antiga Freguesia Nossa Senhora do Bispo	306,69	3669,04	8025,85	24,81	156,98
Santiago do Escoural	142,26	4411,59	9179,71	9,49	126,11
São Cristóvão	86,78	5533,38	8746,63	-	221,52
Antiga Freguesia Silveiras	165,42	2366,45	8433,53	-	97,25
Total	1694,28	33451,79	86294,48	40,65	1795,10

4.2. Povoamentos florestais

Relativamente à ocupação florestal no Concelho de Montemor-o-Novo, verifica-se a predominância dos povoamentos de Sobreiro, com 43,2% da área florestal do Concelho seguidos do montado misto com 24,8%. No entanto, os povoamentos de Sobreiro e Azinheira, em conjunto, representam 59,4% do total de área florestal no concelho.

Para além do montado de sobre e azinho existem outros povoamentos florestais com menor evidência no concelho, nomeadamente, Pinheiro Bravo, Pinheiro Manso, Eucalipto e outras Folhosas. (mapa n.º 9).

Figura 9: Quadro com registo da área florestal total e das áreas ocupadas por tipo de espécies/povoamentos florestais, por freguesia

Ocupação do Solo (ha) Freguesia	Total área Florestal (ha)	Pinheiro Bravo	Pinheiro Manso	Azinheira	Sobreiro	Montado Misto	Eucalipto	Outras Folhosas	Matos	Outras	Povoamento Misto
Cabrela	15109,20	797,40	2603,04	871,60	6997,72	1543,53	1803,63	29,33	201,70	171,58	89,65
Ciborro	4039,72		43,35	751,00	1182,23	1888,75	132,60		15,69	26,10	-
Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre	8674,68	1950,01	1115,26	19,52	4826,37	16,20	641,07	13,34	7,76	85,15	-
Foros de Vale de Figueira	4374,57	1,76	336,48	345,76	1562,67	1845,08	176,46	1,56		104,81	-
Antiga Freguesia de Lavre	8611,65	169,49	747,05	168,85	6977,22	341,83	105,94		2,45	98,82	-
Antiga Freguesia Nossa Senhora da Vila	11081,50	-	0,83	3609,72	3936,26	2966,76	52,17	4,75	23,78	487,23	-
Antiga Freguesia Nossa Senhora do Bispo	8025,85	-	4,01	2127,97	2276,21	3457,51	82,72	-	3,53	73,91	-
Santiago do Escoural	9179,71		36,45	1812,17	4249,37	2843,86	89,64	27,63	22,91	97,67	-
São Cristóvão	8746,63	7,60	47,96	3089,11	2161,98	2710,70	597,57	0,57	39,70	91,43	-
Antiga Freguesia Silveiras	8433,53	52,95	40,47	1177,66	3070,42	3773,55	127,79	-	38,08	152,61	-

Ao analisar as espécies florestais por freguesia, constata-se que os povoamentos de Sobreiro se distribuem por todas as freguesias, destacando-se Cabrela e a antiga freguesia de Lavre. Quanto aos povoamentos de Azinheira, estes são evidentes na antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila seguida de São Cristóvão. No que diz respeito ao Pinheiro Bravo, é a antiga freguesia de Cortiçadas de Lavre que apresenta maior representatividade. Relativamente aos povoamentos de Eucalipto e Pinheiro manso, Cabrela contem a maior área destas espécies.

Das 7 freguesias do Concelho de Montemor-o-Novo, Foros de Vale de Figueira é aquela onde a área florestal tem menor representatividade. Relativamente às restantes ocupações florestais, estas são pouco representativas no Concelho.

A representatividade das diferentes espécies depende do tipo de solo e declive das vertentes e das formas de exploração da floresta, entre outros fatores, podendo desenvolver-se desde pequenos arbustos até grandes árvores, com alturas superiores a 15 metros. A sua influência na determinação do potencial de Perigosidade de Incêndio Florestal depende da densidade da mancha de ocupação, se considerarmos áreas ocupadas por vegetação, da continuidade do povoamento (horizontal e vertical) e do seu grau de inflamabilidade. Em geral onde a perigosidade de incêndio florestal é maior, o solo ou está ocupado por resinosas e Eucaliptos ou povoamento misto, sendo este último composto por resinosas e folhosas, espécies com elevado índice de inflamabilidade.

Assim, tendo em conta o grau de inflamabilidade das espécies, verifica-se que o Pinheiro-bravo apresenta um grau de inflamabilidade médio a elevado e encontra-se localizado a Noroeste e Sudoeste do concelho, o Eucalipto apresenta um grau de inflamabilidade elevado e encontra-se igualmente a Noroeste e Sudoeste do conselho, o Sobreiro e a Azinheira apresentam um grau de inflamabilidade médio e encontram-se dispersas por todo o Concelho.

Assim, e associado ao referido grau de inflamabilidade das espécies é necessário ter em conta a folhada e o estrato herbáceo, quando morto, em que ambos são responsáveis pela

propagação das chamas, enquanto o estrato arbustivo é responsável pelo desenvolvimento dos incêndios.

Além dos estratos importa também referir a continuidade horizontal ou vertical dos mesmos. Quando na ocupação do solo se verifica uma continuidade horizontal dos combustíveis as chamas terão sempre condições para se propagar devendo, portanto proceder-se à abertura de faixas que interrompam esta continuidade, e que ao mesmo tempo possam funcionar como uma condição que permite a deslocação e/ou circulação dos meios necessários ao combate, e ainda de forma a interromper a propagação das chamas.

Quando a continuidade é vertical, ou seja, existe ligação entre os vários estratos, até às copas, as chamas vão tendo sempre combustível para se propagar. Assim, ao efetuar-se a limpeza prévia dos matos, ao se desramar e desbastar as espécies, não se verificará a continuidade vertical, logo as chamas não se propagam tão facilmente nesse sentido.

4.3. Áreas protegidas, rede natura 2000 e regime florestal

A Rede Natura 2000 visa a criação de uma rede europeia de apoio à conservação da Natureza, constituída por “Sítios” selecionados em cada um dos estados membros, nos quais existem habitats ou espécies de fauna e flora com interesse para conservação a nível comunitário. Surge na sequência da publicação das Diretivas Aves e Habitats, através das quais foram definidos, do conjunto de habitats e espécies existentes no território europeu, quais os prioritários em termos de conservação.

Em Portugal, foram propostos 60 Sítios para integrar a Rede Natura 2000, que representam no total cerca de 25% do território nacional e apenas em parte coincidem com áreas integradas na Rede Nacional de Áreas Protegidas. O Concelho de Montemor-o-Novo é abrangido por dois desses locais: o “Sítio de Cabrela” e o “Sítio de Monfurado”.

Embora não possua nenhuma área classificada como regime florestal parcial, sabe-se, no entanto, que cerca de 28,7% do território do Concelho de Montemor-o-Novo está classificado como Rede Natura 2000, não existindo nos limites do Concelho qualquer área protegida, bem

como qualquer zona de proteção especial. Tal como referido, o território abrangido pela Rede Natura 2000 encontra-se distribuído pelos sítios de Monfurado e Cabrela, representando estes, 13,2% e 15,5%, respetivamente, da área total do Concelho (mapa n.º 13). No total, estes espaços representam no Concelho uma área de 35.279 hectares, que se distribui pelas Freguesias de Cabrela, da antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila, Santiago do Escoural, S. Cristóvão e da antiga freguesia de Silveiras.

O Sítio de Monfurado, com uma área total de 23.946 hectares, abrange os Concelhos de Montemor-o-Novo e Évora, estendendo-se entre altitudes de cerca 150 metros até aos 420 metros, numa região tipicamente mediterrânica. Trata-se de uma área dominada por importantes montados de sobre e azinho, bastante bem conservados, cuja importância é realçada pela sua situação geográfica à escala nacional, bem como pelas diversas influências climáticas que esta zona sofre. Aqui ocorrem ainda resquícios de carvalhais de carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), naquele que é o limite Sul da sua distribuição em Portugal continental. É aqui que ocorrem ainda as melhores comunidades nacionais de espinhais de *Calicotome villosa*, espécie exclusiva da região de Évora em território nacional.

É considerada uma zona de grande importância para a conservação de diversas espécies de morcegos, não só em termos de reprodução, mas também de hibernação. Em cavidades resultantes da antiga extração de minério (Minas dos Monges e Minas da Nogueirinha), existem atualmente abrigos muito importantes para a conservação de espécies como o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*) e o morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*), que para além de constituírem apoio a outras espécies importantes do ponto de vista conservacionista como o morcego-de-ferradura mediterrânico (*Rhinolophus euryale*), o morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*), o morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*) e o morcego-de-ferradura-mourisco (*Rhinolophus mehelyi*). A área envolvente, constituída por montados, representa um papel importante como zona de alimentação.

Sendo a maior parte da área propriedade privada, destacam-se como elementos de vulnerabilidade aos objetivos de conservação a agricultura intensiva, a poluição dos cursos de água por agro-pecuária intensiva, a florestação com espécies exóticas, o abandono do pastoreio e a ocorrência de fogos.

As áreas referidas encerram valores de conservação prioritária, merecendo especial atenção no que concerne à DFCI. Propõe-se para tal, um sistema integrado de prevenção, fiscalização e vigilância que assegure uma intervenção imediata em caso de incêndio. No entanto, não é de desprezar a necessidade de um planeamento sustentável e continuado destas áreas.

4.4. Instrumentos de planeamento florestal

Os instrumentos de gestão florestal (IGF) são ferramentas dinâmicas de apoio ao planeamento, que garantem uma base de trabalho fundamentada na realidade da região em causa, em consonância com a legislação em vigor. Assumindo um papel importante na mitigação dos incêndios, estes instrumentos promovem uma eficaz cooperação entre entidades e disponibilização de meios e recursos essenciais na DFCI.

O PROFAC – Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alentejo Central, propõe um planeamento a nível regional, incluindo o Concelho de Montemor-o-Novo, e tem por objetivo a articulação com outros instrumentos de gestão florestal de forma a garantir o ordenamento, desenvolvimento e sustentabilidade dos espaços florestais (Decreto-Lei 16/2009, de 14 de janeiro).

Refere-se também o Plano Diretor Municipal (PDM), como outro importante instrumento de gestão florestal, o qual estabelece a um conjunto de condicionantes na perspetiva da harmonização do uso do solo com fatores de índole ambiental, económica, social e cultural. Para além dos espaços urbanos, o PDM de Montemor-o-Novo prevê o ordenamento do território em áreas de espaços culturais e naturais, espaços agro-silvo-pastoris, incluindo-se nestes últimos os montados de sobro e azinho, zonas ribeirinhas, águas interiores, áreas de infiltração máxima, zonas declivosas, áreas de conservação da natureza, zonas verdes de recreio e lazer, entre outras.

Refere-se ainda os Planos de Bacia Hidrográfica do Tejo e Sado, que têm influência no Concelho, assim como o Plano Sectorial da Rede Natura 2000, responsável pela regulação das ações de intervenção nas áreas dos Sítios da Cabrela e Monfurado.

De referir também a existência de 2 zonas de intervenção florestal (ZIF), nomeadamente a ZIF do Baixo Sorraia e a ZIF do Divor, ver mapa n.º 14.

4.5. Equipamentos florestais de recreio, zonas de caça e pesca

Durante o período crítico existem restrições no acesso às áreas florestais, no entanto as zonas destinadas ao lazer e recreio constituem uma exceção, uma vez que, devidamente licenciadas são passíveis de serem utilizadas pela população durante todo o ano, e como tal é importante fazer-lhes referência, face às suas implicações na DFCl.

Com base no mapa n.º 15 verifica-se que o Concelho de Montemor-o-Novo possui algumas zonas de recreio florestal, as quais se encontram classificadas como parques de merendas, zonas de caça associativa, municipal e turística, zonas de pesca profissional e desportiva, bem como, percursos pedestres. As zonas referidas contribuem de forma diversa para o risco de incêndio:

- a) de forma positiva, pela presença de vigilantes da natureza ou outros agentes gestores dos territórios em causa;
- b) de forma negativa, pelo facto de nem sempre assegurarem uma correta gestão dos combustíveis, nomeadamente pela não criação de manchas de descontinuidade nas áreas florestais para o controlo dos incêndios e pela adoção de comportamentos de risco por parte de alguns dos utilizadores das referidas áreas (lançamento de beatas ou outras fontes de ignição).

5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

Os incêndios florestais são fenómenos transversais do ponto de vista do impacte no território, não distinguindo áreas públicas de privadas, limites de propriedade ou de região administrativa. O fator comum às áreas atingidas por um incêndio é a similitude de gestão, ou de ausência da mesma, e consequentemente dos índices de biomassa e de risco de incêndio.

As condições meteorológicas desempenham um papel fundamental na eclosão e no desenvolvimento de um incêndio florestal. No nosso território verifica-se a coincidência da época mais quente do ano com a época estival, coincidindo desta forma com a época mais seca, agrupando-se condições propícias à ignição e propagação dos incêndios.

Os incêndios florestais que eclodem são na grande maioria de origem antrópica, intencional ou por negligência. Entre as consequências mais evidentes de um fogo florestal salientam-se a perda total ou parcial da cobertura vegetal e dos bens que se encontrem na área afetada pelo incêndio. No entanto, devem ser igualmente contabilizadas a erosão provocada no solo, as alterações do ciclo hidrológico e as consequências na biodiversidade.

5.1. Área ardida e número de ocorrências - Distribuição anual

No mapa n.º 16 encontram-se representadas geograficamente as áreas ardidas do Concelho, para o período de 2003 a 2013.

O referido mapa revela que as maiores áreas ardidas neste período dizem respeito ao ano de 2003, sendo que estas predominam nas Freguesias de Cabrela e na antiga freguesia de Silveiras, em duas manchas de área considerável. No que se refere ainda a 2003 é também possível verificar a presença de algumas áreas, de tamanho mais reduzido, na parte central do Concelho, que correspondem à antiga freguesia de Nossa Senhora do Bispo. De referir ainda uma pequena mancha situada a Norte do Concelho, na antiga freguesia de Lavre. Em 2004 verifica-se o segundo maior total de área ardida no período em análise.

No que concerne a 2006, a área ardida ocorre predominantemente na Freguesia de Ciborro em duas manchas, sendo este o ano em que se verifica o terceiro maior valor de área ardida.

Em 2013 observa-se a quarta maior área ardida, afetando especialmente a antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila.

Os restantes anos apresentam áreas ardidas inferiores a 100 ha, sendo que estas parcelas de território se localizam dispersas pelas várias Freguesias do Concelho, em manchas de pequena dimensão.

Com vista ao estudo da distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências para o Concelho de Montemor-o-Novo, foram considerados os dados do Sistema de Gestão de Informação de Incêndios Florestais (SGIF) referentes ao período compreendido entre 2000 e 2013 (Figuras 10,11 e 12).

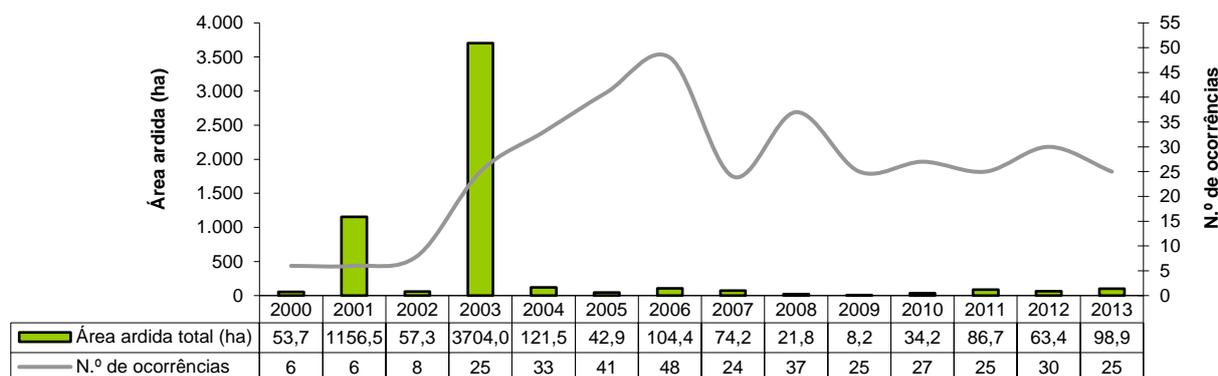


Figura 10 - Distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências 2000-2013

De acordo com o gráfico anterior (Figura 10), verifica-se que no período estudado, 2003 surge como o ano mais problemático, onde se registaram 25 ocorrências que se traduziram em 3.704,0 hectares de área ardida. Da análise efetuada pode depreender-se que nem sempre associado ao maior número de ocorrências está associado uma maior área ardida, como é o caso de 2006 onde as 48 ocorrências registadas corresponderam a um valor de área ardida próximo de 100 hectares.

Os resultados obtidos na figura anterior evidenciam que o ano de 2003 representa um ano crítico, pelo que ardeu cerca de 5,0% do total da área florestal do Concelho. Este valor coincide com anos em que ocorreram grandes incêndios, fortemente correlacionados com fenómenos meteorológicos anormais traduzidos em ondas de calor (temperaturas muito elevadas), ocorrência de faíscas produzidas pelos raios provenientes de trovoadas secas que sucederam nesta altura e por ventos instáveis. No entanto, outros fatores podem também ter contribuído para o aumento deste valor, nomeadamente, a ausência de planeamento dos espaços agro-florestais. Por outro lado, o facto de se ter assistido à diminuição da área ardida, nos anos seguintes poderá ser resultado de uma eficaz deteção e primeira intervenção, bem como da redução do tempo de resposta.

A análise da distribuição da área ardida e do número de ocorrências em 2013 e a média no quinquénio 2009-2013 (Figura 10), permite verificar as freguesias mais fustigadas pelos incêndios, em 2013.

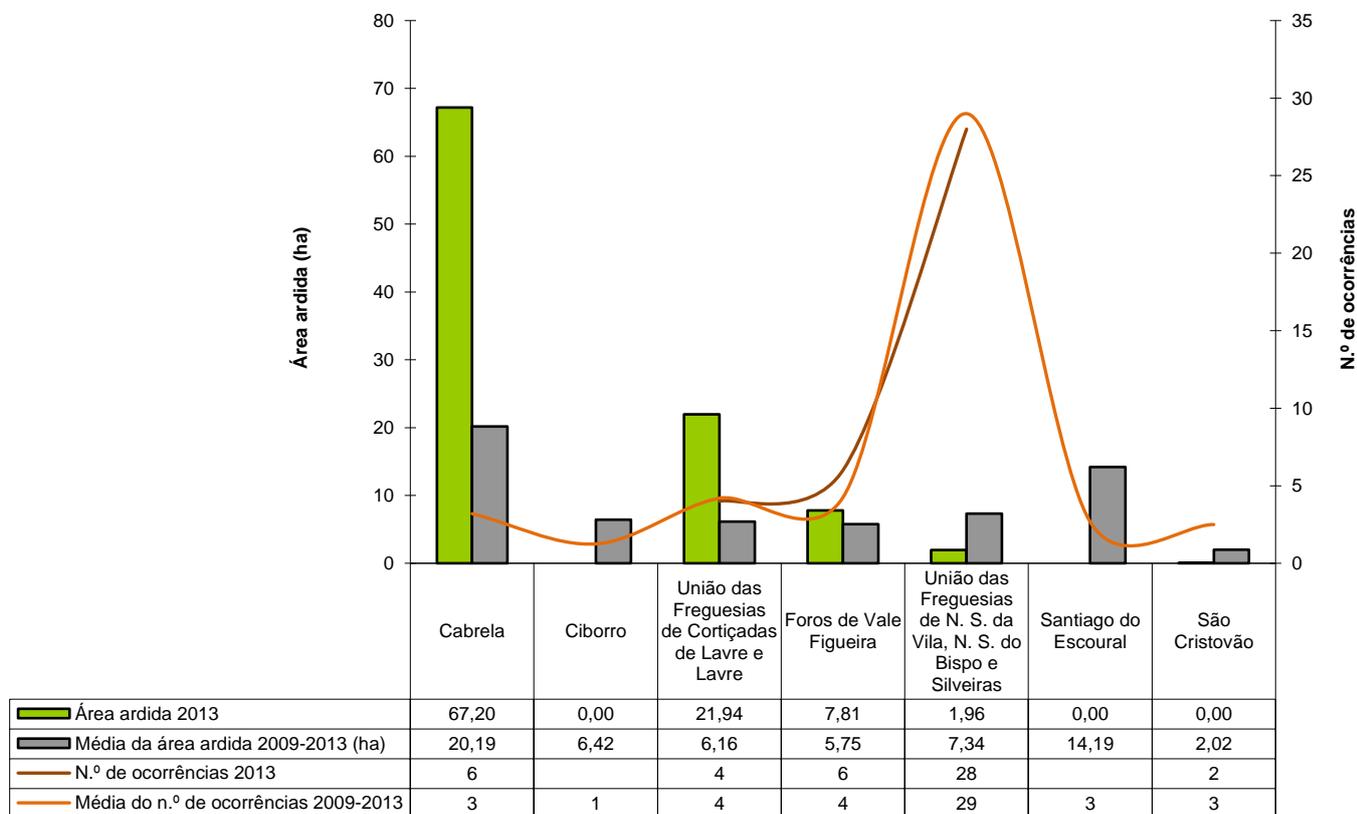


Figura 11 - Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média do quinquénio 2009-2013, por freguesia.

De acordo com a figura 11, é possível constatar que para o quinquénio 2009-2013 as freguesias com superior média do valor da área ardida foram Cabrela e Santiago do Escoural, com 20,2 e 14,2 hectares, respetivamente. Quanto ao número médio de ocorrências, para o mesmo período, a União de Freguesias de N. S. Vila, N. S. Bispo e Silveiras surge com 29 seguida da União de Freguesias de Cortiçadas de Lavre e Lavre e Foros de Vale Figueira com 4 ocorrências. Para o ano 2013, destaca-se a freguesia de Cabrela com maior valor de área ardida, cerca de 67,2 hectares, no entanto o maior número de ocorrências ocorreu na União de Freguesias de N. S. Vila, N. S. Bispo e Silveiras com 28 ocorrências.

Pode então verificar-se que o ano de 2013 foi mais fustigado pelos incêndios que o quinquénio 2009-2013.

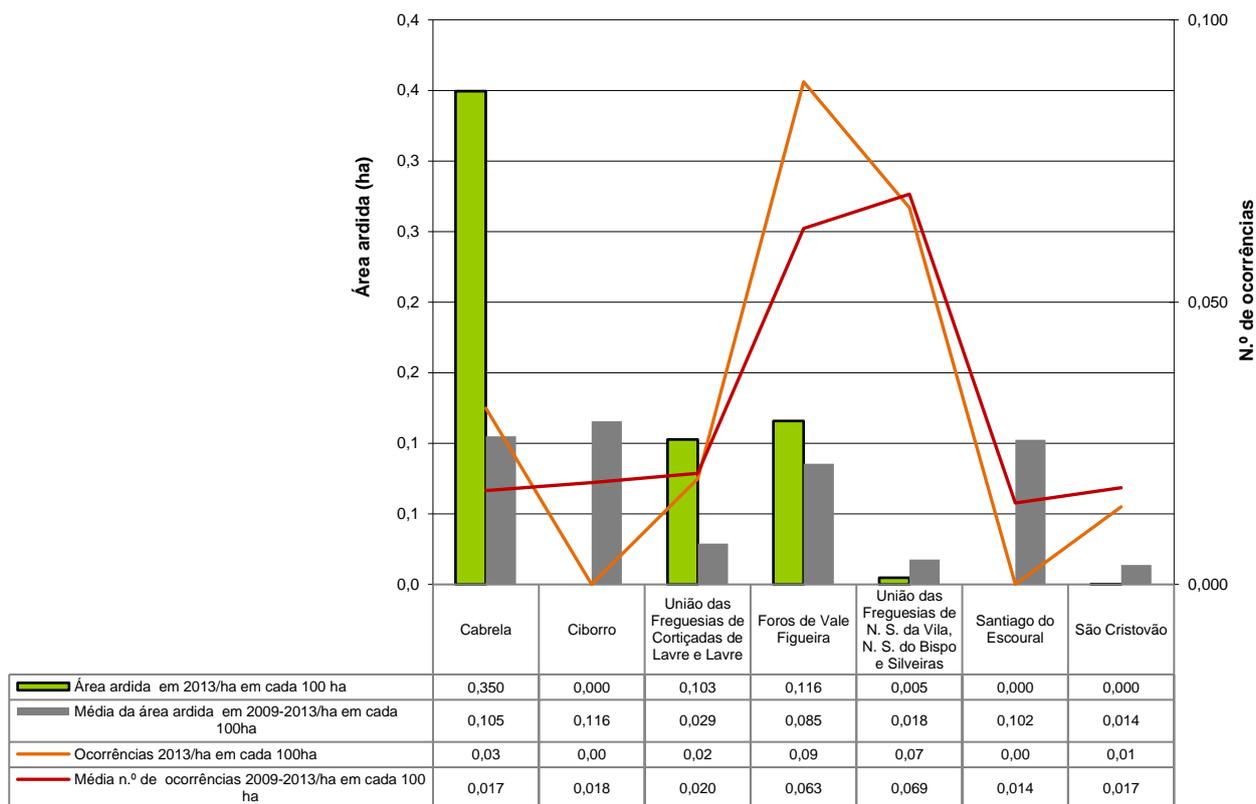


Figura 12 – Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2009-2013 por espaços florestais em cada 100 hectares, por freguesia.

O gráfico anterior (Figura 12) refere-se à área florestal ardida por freguesia, o qual permite avaliar unicamente a perda de floresta sem considerar outras ocupações do solo.

Pela Figura 8 verifica-se que, no quinquénio 2009-2013 a média da área ardida é superior à área que ardeu em 2013 por espaços florestais em cada 100 ha, por Freguesia. Este facto verifica-se na maioria das Freguesias do Concelho de Montemor-o-Novo.

Quanto ao número de ocorrências, também o seu valor é superior no quinquénio, para a maioria das Freguesias do Concelho.

Os casos em que a área ardida por espaços florestais em cada 100 ha é superior em 2013 são em Cabrela, Ciborro e Foros de Vale Figueira. Verifica-se que o número de ocorrências é superior em 2013 nas freguesias de Cabrela e Foros de Vale Figueira.

5.2. Área ardida e número de ocorrências - Distribuição mensal

A distribuição mensal da área ardida e do número de ocorrências permite identificar quais os meses mais críticos e conseqüentemente mais suscetíveis à ocorrência de incêndios florestais. Desta forma, torna-se mais fácil planejar atempadamente a vigilância e a prevenção, nos referidos meses críticos.

Para a análise da distribuição mensal da área ardida compararam-se os valores de 2013, com os valores médios de 2000 a 2013 (Figura 13).

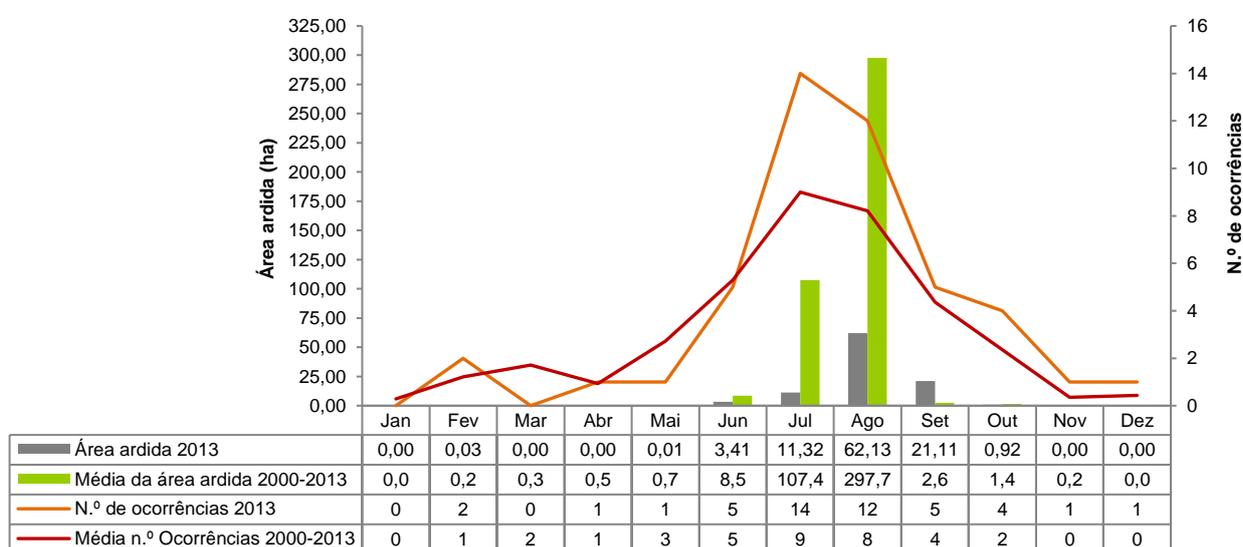


Figura 13 – Distribuição mensal de área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média da área ardida no período de 2000-2013

Com base na figura 13 verifica-se que, para o período médio de referência (2000-2013) julho e agosto são os meses mais críticos no que respeita à área ardida e média do número de ocorrências, com 107,4 hectares e 297,7 hectares ardidos, e 9 e 8 ocorrências, respetivamente. No ano de 2013 os meses em que se verificou maior número de área ardida foram igualmente os meses de julho e agosto, com 5 e 14 ocorrências, respetivamente.

A situação verificada em agosto de 2003 poder-se-á relacionar com causas naturais, nomeadamente as elevadas temperaturas máximas e mínimas do ar (superiores a 35°C, chegando mesmo a ultrapassar os 40°C) que se fizeram sentir nestes dias. Ao encontrar elevadas temperaturas a água associada à ocorrência de trovoadas não se precipitou, isto é,

evaporou-se antes de atingir a superfície terrestre, originando então as chamadas trovoadas secas, que ao produzirem faíscas fizeram eclodir rapidamente vários incêndios. Associado a todos estes fenómenos, verificou-se também a ocorrência de ventos predominantemente de Este, que se fizeram sentir com grande intensidade e rumo variável, bem como humidades relativas muito reduzidas (chegando a valores entre 5% e 15%) que também contribuíram para o agravamento de toda a situação.

Assim, tendo em conta todos estes fatores associados, despoletou-se uma simultaneidade de incêndios florestais, uma vez que o seu comportamento está relacionado com três fatores essenciais: condições meteorológicas, combustível e relevo. Como foi referido, as temperaturas elevadas (acima dos 30°C), velocidades do vento elevadas (superiores a 30 km/h), humidades do ar abaixo de 30%, bem como humidades dos combustíveis inferiores a 6% conduziram à situação de desenvolvimento de incêndios e sua propagação violenta.

Em 2013 o maior número de ocorrências e de área ardida concentrou-se também nos meses de julho e agosto embora tenha resultado comparativamente à média do período 2000-2013 numa menor extensão de área ardida.

5.3. Área ardida e número de ocorrências - Distribuição semanal

A figura seguinte representa o número de ocorrências e áreas ardidas para cada dia da semana, durante o período de 2000 a 2013.

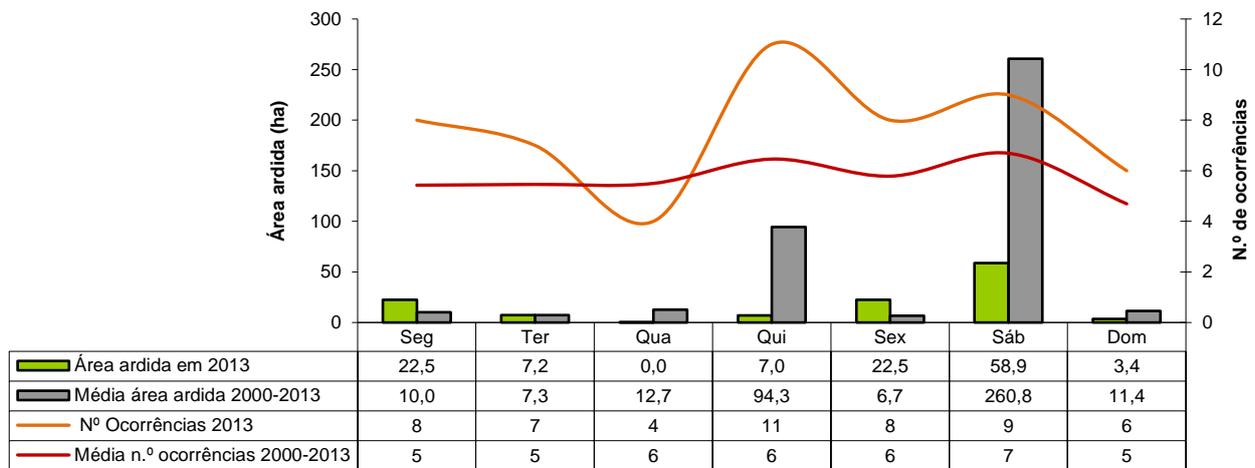


Figura 14 – Distribuição semanal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média 2000-2013

Através da figura anterior pode dizer-se que a maior extensão de área ardida se verificou à quinta-feira e ao sábado para a média de 2000-2013, enquanto que em 2013, verificou-se à segunda-feira, sexta-feira e sábado. Relativamente ao número de ocorrência, verificou-se o maior número à quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado, para a média 2000-2013, no entanto em 2013 o maior número de ocorrências registou-se à segunda-feira, quinta-feira e ao sábado.

Poderá ser possível estabelecer uma relação entre o aumento do número de ocorrências e de área ardida com os dias de caça, uma vez que estes são à quinta-feira, feriados e ao fim de semana.

É também importante referir que estes dias da semana coincidiram com mudanças de quinzena, o que levou a um aumento da movimentação de pessoas quando se deslocavam para férias, contribuindo para o aumento do número de ocorrências, principalmente junto às estradas principais.

Quanto ao valor médio elevado no período compreendido entre 2000-2013, ao Sábado, deve-se, possivelmente, aos vários Incêndios que deflagraram no Concelho de Montemor-o-Novo no dia 2 de Agosto de 2003 (Sábado), onde o número de ocorrências também foi elevado. Esta situação relacionou-se com causas naturais, ocorridas no referido dia, uma vez que o elevado número de ocorrências pode atribuir-se aos inúmeros reacendimentos provocados pelas

elevadas temperaturas e pela reduzida humidade relativa do ar (inferiores aos valores normais para a época) e dos combustíveis.

É importante ainda referir que no Inverno de 2013 se registaram quedas pluviométricas bem como se verificaram temperaturas que favoreceram o crescimento vegetativo, o que levou a um aumento significativo da biomassa, originando por consequência a acumulação de manta morta. Assim, estes combustíveis aliados às elevadas temperaturas e à secura, facilitaram a propagação dos incêndios o que dificultou as atividades de rescaldo.

5.4. Área Ardida e Número de ocorrências – Distribuição Diária

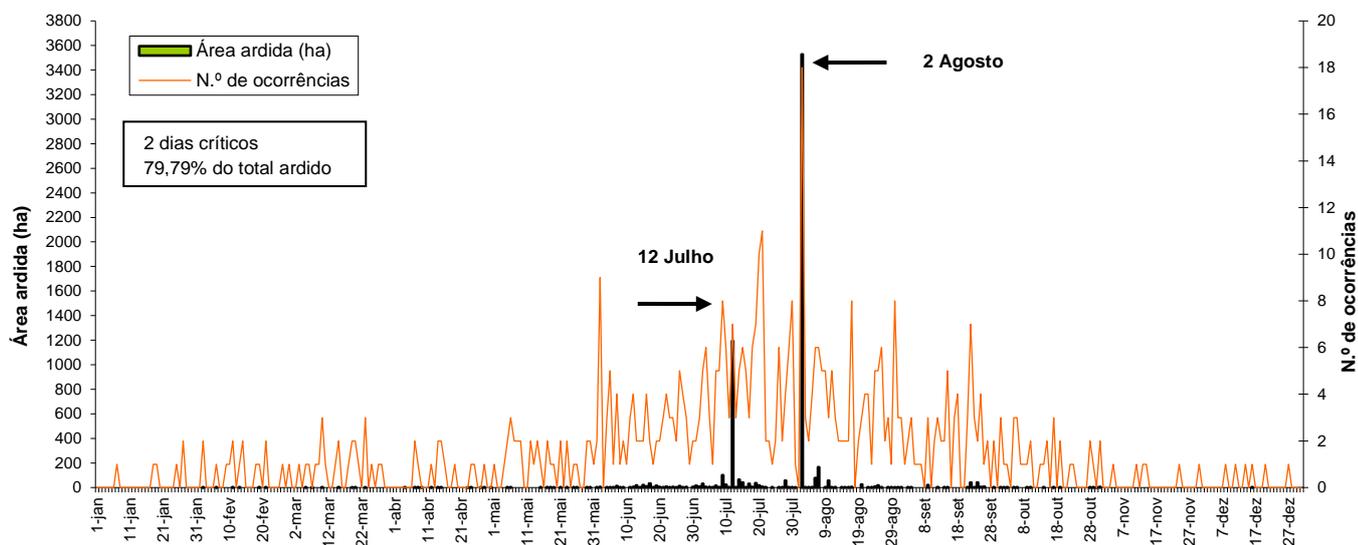


Figura 15 – Distribuição dos valores diários acumulados da área ardida e do n.º de ocorrências (2000-2013)

Da análise da figura depende-se que em apenas 2 dias críticos se registou 79,79% do total ardido em 13 anos. Estes dias situam-se em época estival, nomeadamente nos meses de julho e agosto, onde as temperaturas atingem valores extremamente elevados. O número de ocorrências registou-se também elevado nestes dias. Como foi mencionado, nestes dias, verificou-se um elevado número de reacendimentos devido à temperatura elevada e à reduzida humidade dos combustíveis, o que fez aumentar o número de ocorrências.

5.5. Área Ardida e Número de Ocorrências – Distribuição Horária

A distribuição horária da área ardida e número de ocorrências pode ser utilizado como um forte indicador no planeamento de horários e do número de equipas de vigilância a atuar no terreno, nos diferentes períodos do dia.

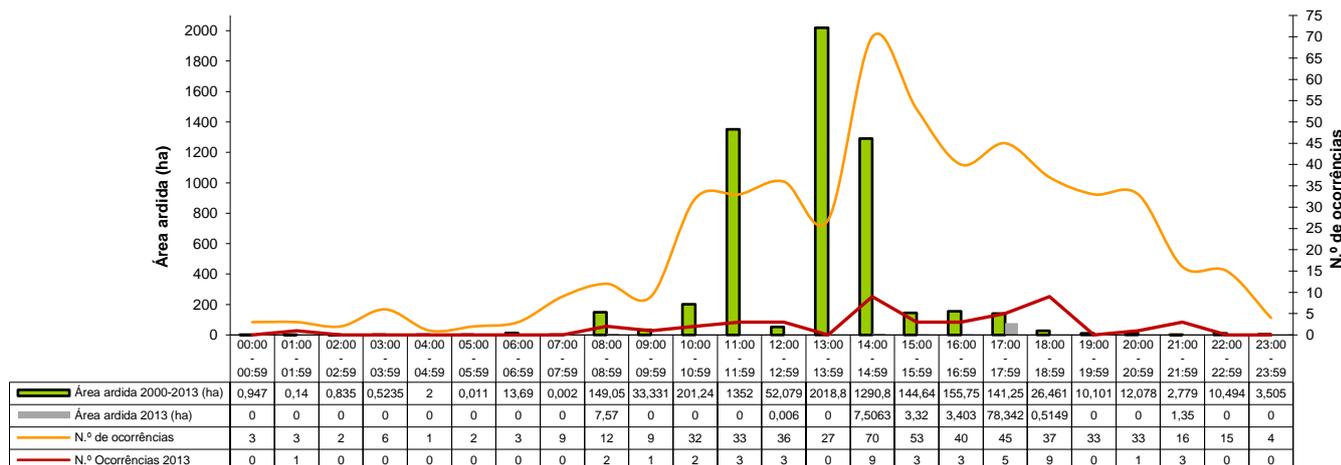


Figura 16 – Distribuição horária da área ardida e do número de ocorrências de 2000 a 2013

Pela figura 16 depreende-se que quer a maior extensão de área ardida, quer o maior número de ocorrências ocorreram entre as 10:00 e as 17:59 horas para o período compreendido entre 2000 e 2013. Neste intervalo horário, salientam-se os dois períodos críticos identificados que se situam das 10:00 às 11:59 e das 13:00 às 17:59 e que representam cerca de 95,3% do total da área ardida e 58,0% do total de ocorrências no Concelho no período referido.

Para 2013 a maior área ardida concentrou-se no período compreendido entre as 14:00 e as 17:59, com o maior número de ocorrências também superior neste período horário. Em 2013, para no período horário referido ardeu 90,7% do total de área ardida em 2013 e 44,4% do total de ocorrências naquele ano.

Da análise do gráfico depreende-se que é neste período, considerado crítico, que se fazem sentir as condições mais favoráveis à ocorrência de incêndios, uma vez que o sol está a pico e se

registam as temperaturas mais elevadas do dia e o índice de humidade dos combustíveis também é mais reduzido.

Para as ocorrências e área ardida nos restantes períodos horários poder-se-ão relacionar com fatores socioeconómicos, nomeadamente com o movimento de pessoas que se deslocam para o emprego e com a hora de saída do mesmo, respetivamente. Por outro lado, podem também relacionar-se com vários tipos de causas acidentais, nomeadamente relacionadas com os trabalhos agrícolas que ocorrem naqueles períodos, bem como com acidentes em linhas elétricas, tal como se verificou no concelho.

Face ao apresentado verifica-se a necessidade de reforçar os meios de vigilância e deteção nos referidos períodos crítico referidos, nomeadamente, no período compreendido entre as 10:00h e as 18:00h.

5.6. Área Ardida em Espaços Florestais

A figura 17 permite avaliar as áreas de coberto vegetal afetadas pelos incêndios no período compreendido entre 2009 e 2013, no que diz respeito a matos e a povoamentos florestais

De forma a facilitar o estudo e compreensão do problema, as áreas ardidas foram divididas por tipo, efetuando-se a análise da área ardida para matos e para povoamentos florestais no período compreendido entre 2009 e 2013.

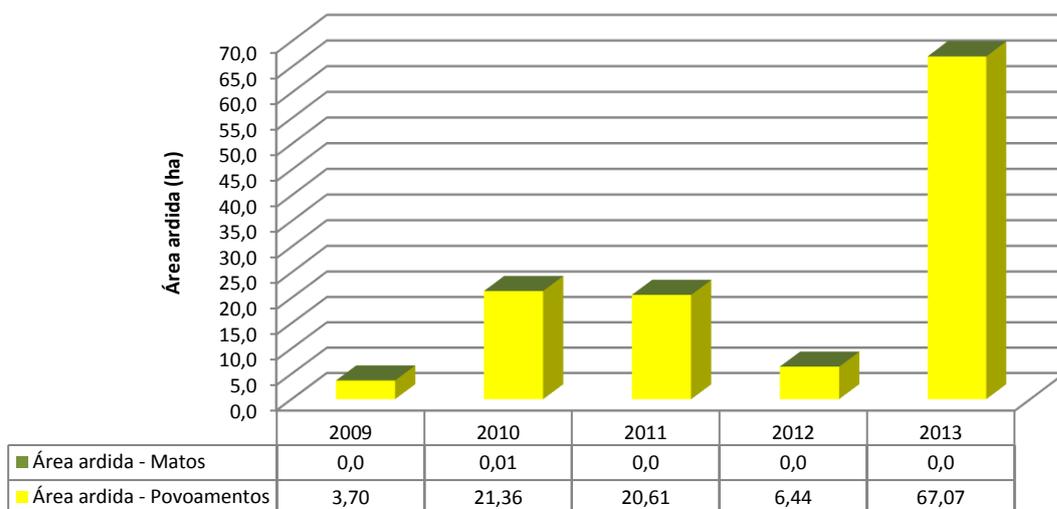


Figura 17 - Distribuição da área ardida por espaços florestais no período de 2009 a 2013

Ao longo do período de tempo aqui estudado, verifica-se que a área ardida total, referente a povoamentos florestais, é de 119,18 ha, dos quais 67,07 ha foram consumidos em 2013.

Do somatório ardido de matos e povoamentos florestais, ressalta que 0,04% correspondem a matos ardidos e 99,96% compreendem os povoamentos florestais.

Posto isto, conclui-se que os povoamentos florestais são mais fustigados pelas chamas que os matos, apesar destes últimos contribuírem fortemente para a propagação dos incêndios, devido às elevadas temperaturas e baixos índices de humidade que atingem, bem como à sua composição, altamente inflamável.

5.7. Área Ardida e Número de Ocorrências por Classes de Extensão

A figura seguinte relaciona a área ardida com o número de ocorrências por classe de extensão no período entre 2009 e 2013. Mediante a sua análise verifica-se que a área ardida originada pelos grandes incêndios, para o período estudado apresenta relação direta com o número de ocorrências. No período em estudo, 60,61% das ocorrências registadas deram origem a incêndios com áreas superiores a 50 hectares, nomeadamente a 85,47% da área ardida.

Durante aquele período não se registam incêndios com área superior a 100 ha. Perante estes dados, pode-se afirmar que a rápida deteção de um incêndio e a primeira intervenção assumem um papel preponderante no sentido de inverter a atual situação.

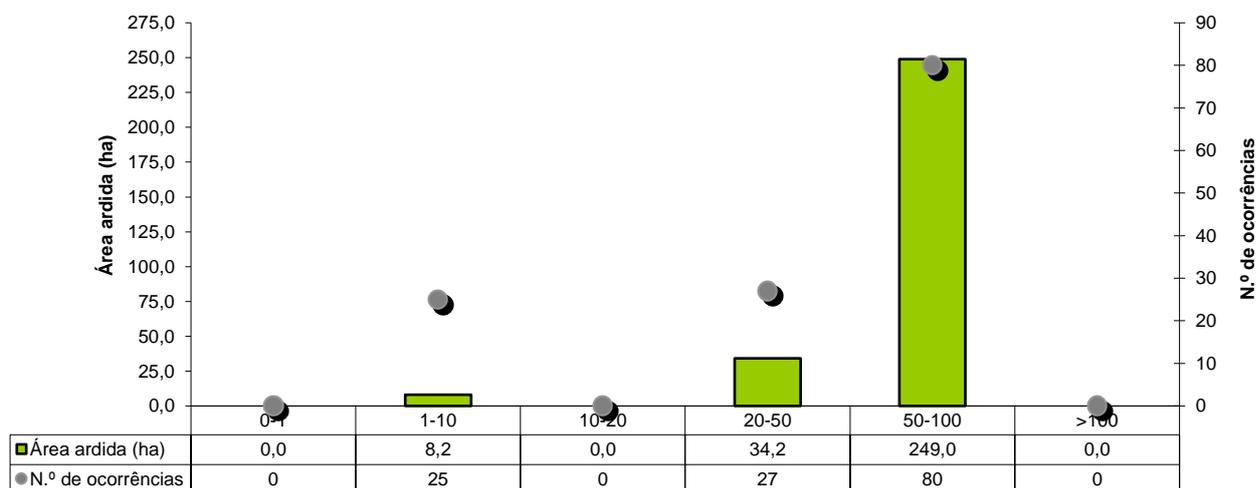


Figura 18 – Distribuição da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão no período 2000 a 2013

5.8. Pontos de Início e Causas

Da análise do mapa n.º 17 – Pontos prováveis de início e causas de Incêndios, podem ser observados os pontos de início dos incêndios florestais e suas causas. É possível concluir que a causa mais frequente é a indeterminada/desconhecida representando 83,11%, logo seguida da causa negligente que representa 15,36%, e a causa natural representa 1,15%; no que se refere à causa intencional, esta representa 0,38%.

As Freguesias onde se registou maior eclosão de incêndios florestais foram a antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila e a antiga freguesia de Nossa Senhora do Bispo, seguidas da freguesia de Cabrela.

De referir que, para o período considerado (2009-2013) se registaram 15 casos de negligência na antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila, 8 casos nas freguesias de Cabrela e na antiga freguesia de Nossa Senhora do Bispo, 7 casos na antiga freguesia de Lavre, 6 casos na freguesia

de Foros de Vale Figueira e na antiga freguesia de Silveiras, 4 casos na antiga freguesia de Cortiçadas de Lavre e 2 casos nas freguesias de Ciborro e S. Cristóvão. Estes valores deverão ser encarados com alguma preocupação, pois o descuido e o desrespeito pelas normas de segurança instituídas pelas diversas entidades nacionais ou internacionais propiciam a ocorrência de focos de incêndio.

No que respeita à causa intencional, registaram-se duas, uma em Santiago do Escoural e a outra na antiga freguesia de Nossa Senhora da Vila

Verificou-se que alguns dos pontos de início coincidem com território com classe de risco de incêndio mais elevado.

No que diz respeito à distribuição do número de focos de incêndio pelos anos em estudo, constata-se que o maior número de incêndios ocorreu em 2012, com 54 ocorrências, seguido de 2011 com 50 ocorrências, 2013 com 46 ocorrências, 2010 com 38 ocorrências e 2009 com 37 ocorrências.

O anexo 34 faz o resumo do número total de incêndios e causas, por freguesia, entre 2009 e 2013.

5.9. Fontes de Alerta

Pela análise da figura seguinte verifica-se que as principais fontes de alerta para o período estudado foram os populares com 66%. No que diz respeito às restantes fontes de alerta destacam-se outras fontes com 26%, o número de contacto 117 com 5%, o alerta dado por postos de vigia, com 2% e por fim, o CCO com 1%.

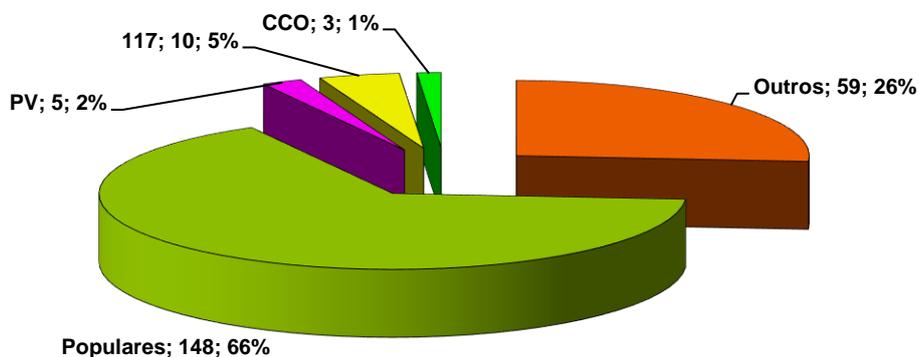


Figura 19 – Distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta 2009-2013

A figura 20 permite avaliar o número de ocorrências por fonte e hora de alerta entre 2009 e 2013.

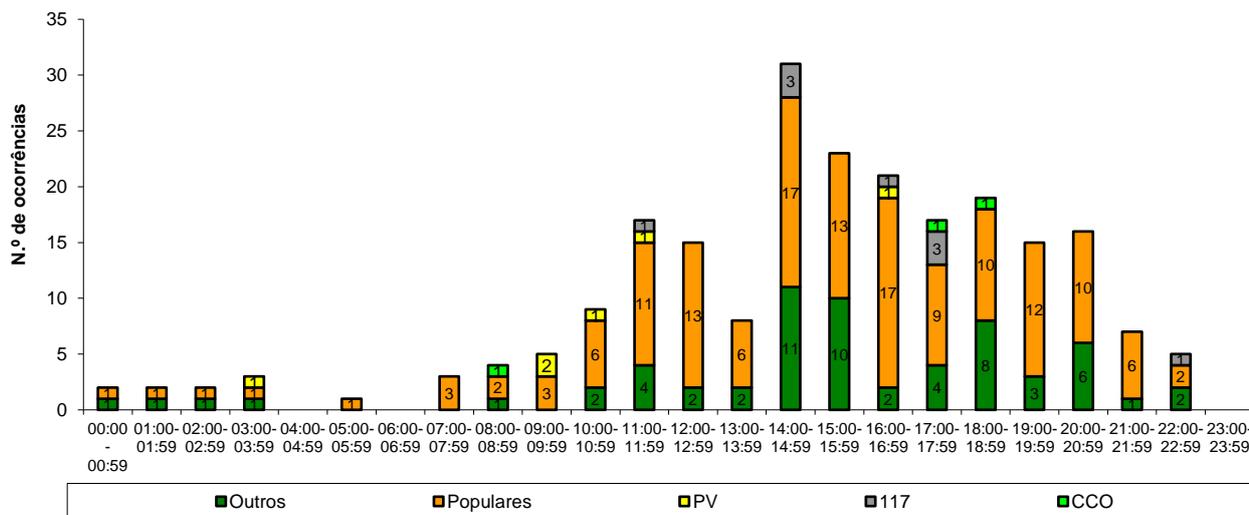


Figura 20 – Distribuição do número de ocorrências por fonte e hora de alerta 2009-2013

Da análise da Figura 20 ressalta que a maior número de alertas se situa entre as 11:00 e as 18:59 horas, dando-se principal relevância aos períodos das 11:00 às 12:59 e das 14:00 às 18:59, dados na sua maioria por populares.

5.10. Grandes Incêndios (Área > 100 hectares) – Distribuição Anual

Desde sempre se tem verificado uma forte preocupação com os incêndios florestais, no entanto, desde 2003, ano em que se verificaram elevadas extensões de áreas ardidas, esta preocupação cresceu. Assim sendo, ao estudar os grandes incêndios procura-se esmiuçar a sua evolução no que diz respeito ao número de ocorrências, bem como no que diz respeito a extensão de área ardida, tal como apresentado no na figura 21.

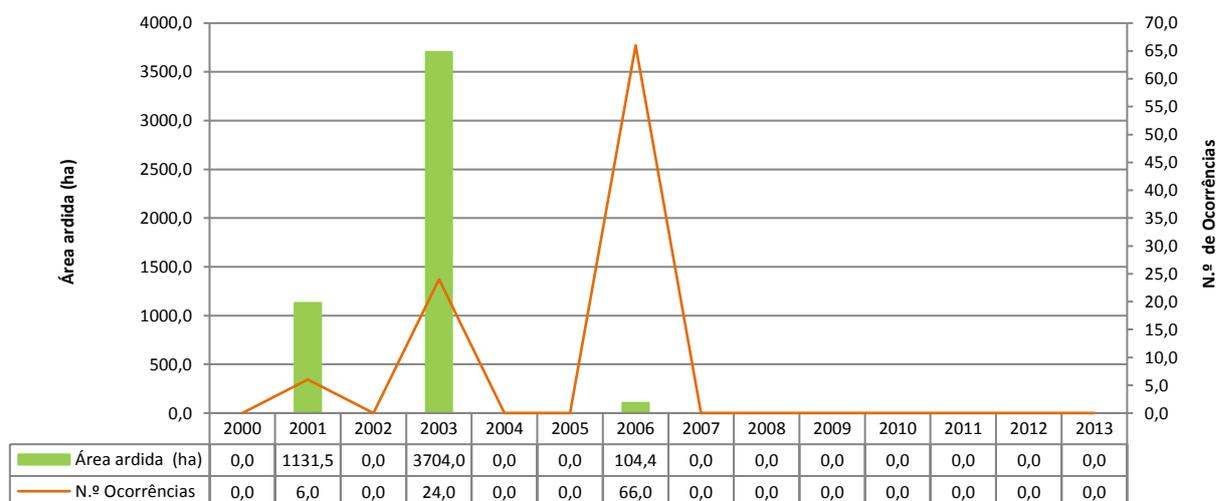


Figura 21 - Distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013).

Pela figura constata-se que os anos de 2001, 2003 e 2006 compreendem incêndios cuja área ardida é superior a 100 ha, destacando-se 2001 e 2003 com 1.131,5 ha e 3.704,0 ha, respectivamente. Em 2003, verifica-se que as 24 ocorrências registadas foram responsáveis por 74,98% da área ardida em grandes incêndios.

A figura 22 suporta a informação do gráfico anterior, confirmando a existência de grandes incêndios a partir de 2000. Todavia, verifica-se que dos 3 grandes incêndios ocorridos no período estudado, estes tiveram diferentes consequências, nomeadamente no que diz respeito à área que devastaram, sendo que 1 devastou uma área entre 100 e 500 ha, e dois devastaram área superiores a 1000 ha.

Classes de Área (ha) Ano	100-500	500-1000	>1000
2000			
2001			1
2002			
2003			1
2004			
2005			
2006	1		
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			
2012			
2013			
Total	1	0	2

Figura 22 - Quadro com a Distribuição anual do número de grandes incêndios por classes de área.

5.11. Grandes Incêndios (Área > 100 hectares) – Distribuição Mensal

Para uma melhor compreensão do histórico dos grandes incêndios e quais as condições que os propiciam, foi avaliada a sua distribuição mensal e o número de ocorrências para o Concelho de Montemor-o-Novo Figura 23.

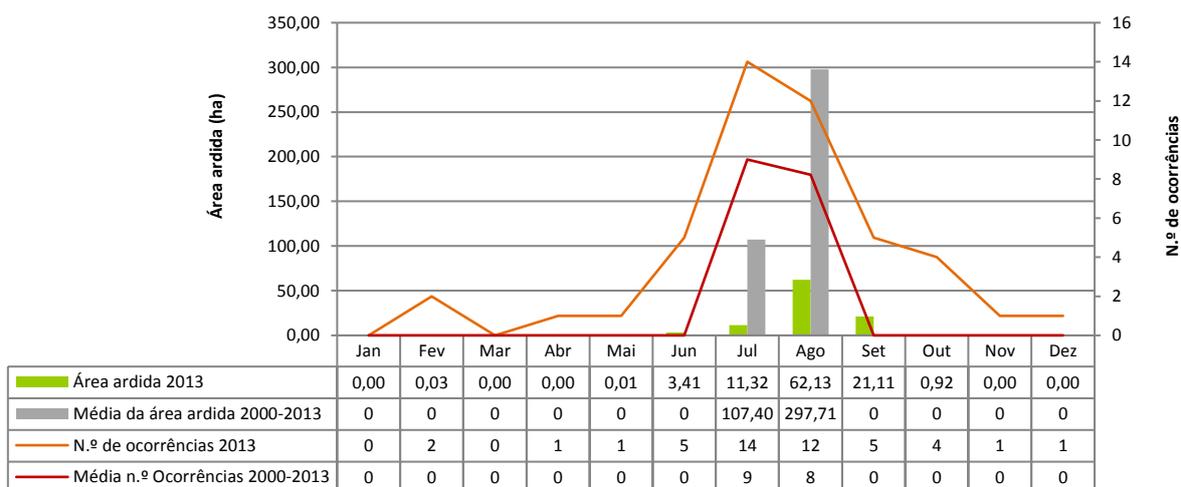


Figura 23 - Distribuição Mensal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013).

Pela figura pode depreender-se que a distribuição mensal apresentada indica que no período compreendido entre 2000 e 2013 os grandes incêndios ocorreram nos meses de julho e agosto. Este facto, tal como referido anteriormente, coincide com os meses que compreendem condições climáticas com características mais severas, nomeadamente, valores de temperatura elevados, humidades relativas do ar reduzidas e velocidades do vento mais significativas. Por último, julho é o mês que regista maior número de ocorrências originárias de incêndios de grandes dimensões.

5.12. Grandes Incêndios (Área > 100 hectares) – Distribuição Semanal

A figura 24 indica a distribuição semanal da área ardida e número de ocorrências no que diz respeito a grandes incêndios entre 2000 e 2013. Pela sua análise verifica-se que os grandes incêndios com área ardida superior a 100 ha, no período 2000-2013, registaram-se ao sábado, bem como o maior número de ocorrências. Em 2013 não se registou qualquer incêndio com área ardida superior a 100 ha. Pela análise, conclui-se que ocorreu, em média, maior área ardida, num só dia no período 2000-2013 do que no ano de 2013.

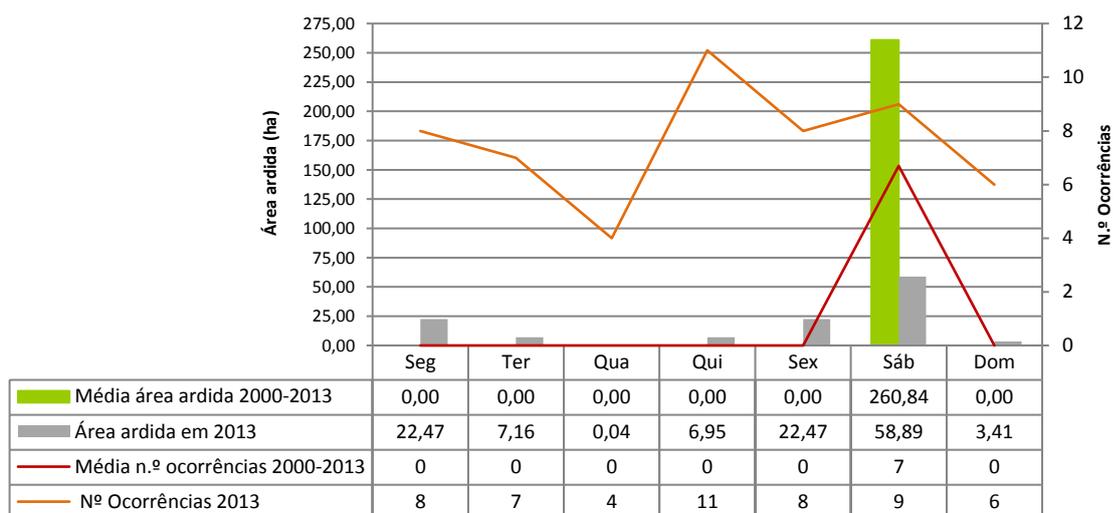


Figura 24 - Distribuição semanal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013)

5.13. Grandes Incêndios (Área > 100 hectares) – Distribuição Horária

Pela observação da figura 25, conclui-se que, em 2000-2013, as maiores áreas ardidas decorrentes de grandes incêndios foram registadas no período horário compreendido entre as 08:00 e as 11:59 horas e entre as 13:00 e as 17:59 horas, com especial incidência neste último período horário, período do dia onde também se observou o maior número de ocorrências. Em 2013 o período do dia em que se registou maior área ardida e maior número de ocorrências foi entre as 14:00 e as 13:59 horas. De referir, que os valores de área ardida apresentados estão relacionados com as horas de maior calor e com a altura de maior atividade da população, bem como pelo maior tráfego rodoviário.

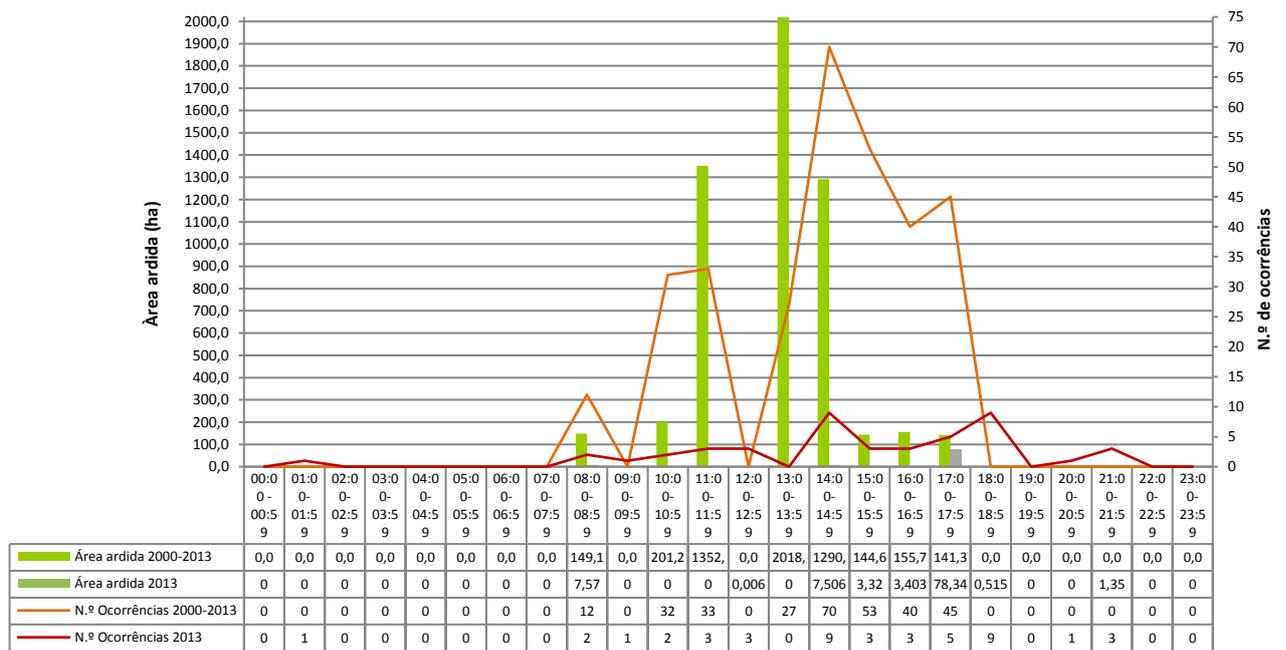


Figura 25: Distribuição horária da área ardida e do n.º de ocorrências dos grandes incêndios (2000-2013).

CADERNOS I E II – ANEXOS

ANEXO 2 – DISTRIBUIÇÃO DA REDE VIÁRIA FLORESTAL COM E SEM NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO PARA O PERÍODO DE VIGÊNCIA DO PMDFCI

Código da Descrição da RVF	REDE_DFCL (km)	Comprimento Total <u>com</u> Necessidade de Intervenção (km)	Comprimento Total <u>sem</u> Necessidade de Intervenção (km)	Distribuição do Comprimento Total Com e Sem Necessidade de Intervenção									
				ANO 1		ANO 2		ANO 3		ANO 4		ANO 5	
				Com Intervenção (km)	Sem Intervenção (km)	Com Intervenção (km)	Sem Intervenção (km)	Com Intervenção (km)	Sem Intervenção (km)	Com Intervenção (km)	Sem Intervenção (km)	Com Intervenção (km)	Sem Intervenção (km)
1	Rede com especificações de 1.ª ordem	275,7	0	55,1	0	55,1	0	55,1	0	55,1	0	55,1	0
2	Rede com especificações de 2.ª ordem	246,6	0	163,8	0	163,8	0	163,8	0	163,8	0	163,8	0
3	Rede complementar	4 7772,0	0	220,0	0	220,0	0	220,0	0	220,0	0	220,0	0

ANEXO 3 – IDENTIFICAÇÃO DA REDE DE PONTOS DE ÁGUA

NOME_PA	ID_PA	TIPO_PA	CLASSE_PA	VOL_MAX	ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
ANTA	3	211	AB		600000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ATABOEIRA	5	211	AB		18000000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARBOSA	7	211	AB		16800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRAGEM CAVALEIRO	8	211	AB		4800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRAGEM DE PEDORGÃO	9	211	AB		4500000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRAGEM DOS MINUTOS	10	211	AB		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRAGEM DO PREGO	11	211	AB		19200	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRAGEM DO RAIMUNDO	12	211	AB		210000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARROCAL	14	211	AB		75000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BICA	18	211	AB		48000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CABECO DE MOURO	20	211	AB		60000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CANEIRA	24	211	AB		315000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CRESPIM	33	211	AB		300000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ESCALADADA	36	211	AB		72000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FARTOS	37	211	AB		240000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
GARCIA	42	211	AB		100000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
GOUVEIA	44	211	AB		120000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DA BELA-VISTA	47	211	AB		48000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DA CHAMIN?É	48	211	AB		180000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DO TINAU	53	211	AB		28800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE PEDRAS ALVAS	54	211	AB		180000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE PINHEIRO	55	211	AB		450000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JUNCAL	56	211	AB		125000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MATA-LADRÕES	58	211	AB		250000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DA SERRA	62	211	AB		28800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DO CASÃO	64	211	AB		75000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MORGUENHOS	69	211	AB		270000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
NABO	70	211	AB		125000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
OUTEIRO	71	211	AB		57600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
P?ÉGORAS	72	211	AB		135000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PÉGORAS	73	211	AB		90000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PITA MARIÇA	76	211	AB		600000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
POÇO DA RUA	77	211	AB		80000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RELVA	78	211	AB		150000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
REPRESA	80	211	AB		700000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RIBEIRO LAVRE	81	211	AB		96000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
SERRA DE LEBRES	85	211	AB		14000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
SERRA DE LEBRES	86	211	AB		48000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
SOBRAL	87	211	AB		40000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO

TAIPAS	89	211	AB		40000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TOIRAIS	92	211	AB		225000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TOJEIRAL	93	211	AB		32400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
VALE DE ASNO	95	211	AB		48000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
VALE DE SEIXO	96	211	AB		64000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
VARELOS	98	211	AB		100000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ALTO DA ABANEJA	1	214	CH		3375	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ALTO DO ABONEFE	2	214	CH		2250	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ARRANHADOR	4	214	CH		20000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ATALAIA	6	214	CH		6000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARRANCO	13	214	CH		9450	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BARROCAL DAS FREIRAS	15	214	CH		40000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BENAFESSIM	16	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BICA	17	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
BISCAIA	19	214	CH		32000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CABRITA	21	214	CH		100000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CARVALHOS	25	214	CH		32000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CASA BRANCA	26	214	CH		18000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
COMENDA DO COELHO	27	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CORDEIROS	28	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CORTA-RABOS	30	214	CH		24000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
COURELAS DAS PEDRAS ALVAS	31	214	CH		14700	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
COURELAS DE SANTA COMBA	32	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
DEFESA GRANDE	35	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FIGUEIRA	38	214	CH		3000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FOROS DA TOJEIRA	39	214	CH		12600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
GARCIA	41	214	CH		11545	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
GATO	43	214	CH		25600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
GRADIL	45	214	CH		19200	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DA AMENDEIRA	46	214	CH		32000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DA CHAMIN?É	49	214	CH		8400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DA ZAMBUJEIRA	50	214	CH		9600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DO CABIDO	51	214	CH		19200	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
HERDADE DO MEIO	52	214	CH		14400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
LOBEIRA	57	214	CH		9000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DA ALAGOA	59	214	CH		16000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DA BICA	60	214	CH		10800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DA MARINHA	61	214	CH		14400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DO ALAMO	63	214	CH		3750	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DO ZAMBUJAL	65	214	CH		1800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
MONTE DO ZAMBUJAL	66	214	CH		8750	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
AMOREIRA DA TORRE	67	214	CH		9450	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO

AMOREIRA DE CIMA	68	214	CH		12000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PERO NEGRO	74	214	CH		9000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PICOTE	75	214	CH		3600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
REPOLA	79	214	CH		22400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
S. LOURENÇO	82	214	CH		60000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
S. MATEUS	83	214	CH		16800	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
SAFIRA	84	214	CH		14000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
STO. ANDRE	88	214	CH		6000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TERRA DAS FREIRAS	91	214	CH		38400	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
VALE DE ALÇAÇER	94	214	CH		64000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
VALINHOS	97	214	CH		7200	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CAEIROS	22	115	OT		24000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CAEIROS	23	115	OT		7500	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CORTA-RABOS	29	115	OT		420000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CURRAL DA LEGUA	34	115	OT		1200	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FREIXO	40	115	OT		42000	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TALISCA	90	115	OT		3600	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF3 Carregais	1	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF2 Carregais	2	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF5 Capela	3	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT1 Ferro da Agulha	4	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF4 Capela	5	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TCN1 Cabido	6	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TCN2 Casal de S. José	7	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PGM2 Torre do Almansor	8	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Poço Torto	9	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT2 Pedreirinha	10	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PGM1 Poço dos Cavaleiros	11	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Fonte Vale Bom	12	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT2 Monte Germano	13	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT3 Monte Falcanito	14	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TCN5 Monte do Falcão	15	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF Telheiro	16	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TD6B (Furo7) Her. Amoreira de Cima	17	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TD2 (Furo6) Herdade da Amoreira	18	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TD1 (Furo5) Herdade da Amoreira	19	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC11 Herdade da Amoreira da Torre	20	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC12 Herdade da Amoreira	21	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC10 Herdade da Amoreira	22	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF3 Herdade da Amoreira	23	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC1 Herdade da Adua	24	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC2 Herdade da Adua	25	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO

IC7 Monte da Abrunheira	26	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
IC9 Herdade da Albardeira	27	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA1 Herdade da Albardeira	28	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFA Foros da Adua	29	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Santa Sofia	30	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ABL7 Maia	31	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT1 S. Mateus	32	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF6 Courela da Frexeirinha	33	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA5	34	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ABL4 Monte do Cas?úo	35	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Monte do Cas?úo	36	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA1 Monte do Cas?úo	37	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA2	38	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF8 Vale da Lama	39	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PS2 Patinho	40	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PS1 Monte das Amoreiras	41	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Herdade do Pomarinho	42	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Cova da Rata Herdade Palhav?ú	43	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT2 Herdade Palhav?ú	44	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Herdade Palhav?ú	45	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PGM1 Freixo	46	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Freixo	47	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT2 Freixo	48	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF1 Herdade da Torre	49	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT1 Baldios	50	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT2 Baldios	51	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TCN3 Herdade da Miseric?rdia	52	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Dreno Terra das Freiras	53	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA2 Santiago do Escoural	54	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF1 Herdade da Sala	55	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 S. Brissos	56	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA1 Pomar da Valdarca	57	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Carvoeira de Cima	58	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT1 Carvoeira de Cima	59	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Po?o da CP	60	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ABL6 Biscaia	61	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA7 Santiago do Escoural	62	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA3 Lavre	63	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Dreno 1 dos Sismarros	64	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Dreno 2 dos Sismarros	65	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
CR1 Vale das Custas	66	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PS1 Monte da Estação	67	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PGM2 Casas Novas	68	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO

PGM1 Casas Novas	69	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT4 S. Geraldo	70	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PS1 Barrosas	71	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Drenos Vale da Fazenda	72	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Drenos Vale Francisco	73	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FR1 Chapelar da Ribeira	74	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PS2 Chapelar da Ribeira	75	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF4 Cortiço	76	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA2 Cortiço	77	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ABL1 Silveiras	78	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
PFT1 Silveiras	79	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
ABL3 Silveiras	80	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
RLA8 Santiago do Escoural	81	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
FT1 Torre do Almansor	82	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
JFF2 Estação Elevatória	83	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
TCN1 Maia	84	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
Pomar da Valdarca	85	310	RP		0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO
	0	0			0	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO

ANEXO 4 – INTERVENÇÃO NA REDE VIÁRIA FLORESTAL PARA O PERÍODO DE VIGÊNCIA DO PMDFCI

Classes das vias de RVF	Descrição da Rede Viária Florestal com e sem necessidade de intervenção (km)	Distribuição do Comprimento Total com Necessidade de Intervenção/Beneficiação (km)				
		ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
1. ^a Ordem	275,7	55,1	55,1	55,1	55,1	55,1
2. ^a Ordem	249,6	163,8	163,8	163,8	163,8	163,8
3. ^a Ordem - Complementar	4 772,0	220,0	220,0	220,0	220,0	220,0

ANEXO 5 - PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL, POR FREGUESIA, INVENTARIADO NA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE-MOR-O-NOVO

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	
Anta da Flamenga	Cabrela	
Antiga Igreja Aldeia do Pinhal		
Igreja de N Sra. de Cabrela		
Igreja Matriz de Nª Sr.ª da Conceição		
Moinhos de Vento de Cabrela		
Anta da Herdade de Baixo	Ciborro	
Anta da Parreira		
Anta de Vale de Cancelas		
Anta do Barrocal		
Anta do Rocio do Montinho		
Anta do Zambujeiro (tapada)		
Antas do Foro		
Antas do Paço		
Antas Grandes do Paço		
Castro do Cavaleiro		
Igreja de S. Lourenço		
Menires de Vale de Cancelas		
Povoado Neolítico		
Casa de Cortiça da Cascada		Cortiçadas de Lavre
Casa de Cortiça da Gralheira		
Moinho de vento Cortiçadas Lavre		
Monte dos Frades do Meio		
Sítio Paleolítico		
Anta da Atalaia	Foros de Vale Figueira	
Anta da Ribeira de Pegos		
Anta do Deserto (n.i.)		
Anta do Espragal (n.i.)		
Antas da Amendoeira		
Cistas da Idade do Bronze		
Espadaneira		
Moinho de Castelos Velhos		
Moinho do Mocho		
Monte do Freixo do Meio		
Anta das Várzeas	Lavre	
Anta do Chão do Barranco		
Anta do Pimpolho		
Antas da Herdade das Antas		
Antigos Paços do Concelho e Hospital		
Cemitério de Cistas da Lobeira		
Ermida de S. António		
Ermida de S. Miguel		
Ermida de S. Sebastião		
Esteios da Anta do Pimpolho		
Fonte do Carvalho		
Fonte N Sra Carmo		
Igreja da Misericórdia de Lavre		
Igreja de N Sra da Assunção		
Lagar da Horta do Lagar		
Lobeira de Cima		
Moinho da Ponte		
Monte do Pedrogão		
Ponte do Pedrogão		
Torre do Relógio		
Adua		Nossa Senhora da Vila
Alto Castelinho Serra-povoado		
Anta da Amoreira da Torre		
Anta da Fonte da Senhora		
Anta da Malhada		
Anta da Moita do Gato		
Anta da Represa		
Anta da Serra de Lebres (n.i.)		

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA
Anta da Serranheira	
Anta das Fazendas	
Anta das Navalhinhas	
Anta das Valadas de Baixo	
Anta de Alfeirões (n.i.)	
Anta de Toirais	
Anta do Carapeteiro	
Anta do Carrascal	
Anta do Carvalho 3 (n.i.)	
Anta do Monte das Pedras	
Anta do Pinheiro do Campo 1	
Anta dos Minutos (n.i.)	
Anta dos Nabos	
Antas da Alcava de Cima	
Antas da Azinheira	
Antas das Fazendas	
Antas do Carvalho	
Antas do Patalim 1	
Antas do Zambujal	
Antas dos Carrascais (n.i.)	
Casa da Almotaçaria e de ver o Peso	
Casa Nobre dos Fidalgos de Vasconcelos Morgados da torre do Carvalho e Capitães Mor da Vila	
Casa Nobre dos Fragoso Amados	
Casa/Torre de Habitação	
Castelo, muralhas e imóveis	
Castro de Toirais (n.i.)	
Cisternas	
Convento da Sudação	
Convento de Rio Mourinho	
Convento de S. Domingos	
Convento de St António de Lisboa. S.Domingos	
Convento de St Cruz de Rio Mourinho	
Edifício Condença Valenças	
Ermida S Luis da Mougueira	
Ermida de N Sra. da Paz	
Ermida de N Sra. da Visitação	
Ermida de S. Pedro da Ribeira	
Ermida de S. Sebastião	
Ermida de S. Simão	
Ermida de S. Vicente	
Ermida de Stª Margarida	
Ermida do Senhor Jesus das Necessidades	
Ermida e Fonte de S.Luís	
Ermida S. Pedro	
Ermida Sta. Margarida	
Escola primária Conde Ferreira	
Forno de Cal	
Habitat	
Horta da Janelinha	
Horta de D. Afonso	
Horta de S. Gonçalves	
Hospital do Espírito Santo e Santo André	
Igreja da Represa	
Igreja de N Sra da Purificação da Represa	
Igreja de S. João Batista do Castelo	
Igreja de S. Mateus	
Igreja de S. Tiago	
Igreja de Santa Sofia	
Igreja de Stª Maria do Bispo	
Igreja de Stª Sofia	
Igreja do Calvário	

Nossa Senhora da Vila

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	
Igreja e Convento de S. Francisco	Nossa Senhora da Vila	
Igreja Paroquial de Stª Maria da Vila		
Matadouro Mourisco/ Açougue		
Menir da Pedra Longa		
Menir das Fazendas		
Menires de Pedra Longa		
Moinho da Abóbada		
Moinho do Zangalho		
Monte da Alcava de Cima		
Monte da Ferraz		
Monte da Fonte d' El-Rei		
Monte da Serranheira		
Montinho		
Muralhas		
Paço da Quinta de S. Francisco		
Paço de S. Francisco		
Paço Real ou Palácio dos Alcaides Mór		
Pórtico e Fonte da Horta do Pocinho		
Portil da Adua		
Possível habitat; Romano		
Possível habitat; Romano		
Possível habitat; Romano		
Possível habitat (Villa ou Vicius); romano		
Povoado Calcítico do Cabido		
Povoado romano Cerro do Godelo		
Qta da Amoreira da Torre		
Qta de Sancha Cabeça		
Quinta da Amoreira da Torre		
Quinta da Ferraz		
Quinta de Sancha Cabeça		
Recolhimento do Santissimo Sacramento de N Sra da Luz (Hospital da Misericórdia)		
Rocha com covinhas Amoreirinha		
Sacristia da Igreja do Cálvario		
Santa Sofia		
Sítio do Zambujal 1		
Venda do Patalim		
Vestígios romanos/medievais		
Via Romana do Ribeiro do Matoso		
Anta da Casa Velha		Nossa Senhora do Bispo
Anta da Chaminé		
Anta da Comenda Grande		
Anta da Comendinha		
Anta da Cravelinha		
Anta da Herdade das Comendas		
Anta da Murteira		
Anta da Velada		
Anta de Cabeço de Mouro		
Anta do Batepé Novo		
Anta do Estanque		
Anta do Sítio do Curralejo		
Anta do Vidigal		
Anta dos Alfundões		
Anta Grande da Comenda da Igreja		
Antas da Comenda da Igreja		
Antas da Repoula		
Antas do Bate Pé Velho		
Antas dos Varelas		
Atalaia do Vidigal		
Capela de Nossa Senhora do Rosário		
Casa das Mudanças Reais		
Casa de Habitação/Manuelina		

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	
Casa Nobre dos Fidalgos Cogominhos e Sousa Barreto	Nossa Senhora do Bispo	
Castro da Casa Branca		
Comenda do Coelho		
Conjunto da Igreja e Cripta de S. João de Deus		
Convento de Nossa Senhora da Conceição		
Convento de S. João de Deus		
Edifício com Azulejos		
Ermida de S. André		
Ermida de S. Lazaro		
Ermida de St André do Outeiro		
Fonte das Linhas		
Fonte e Quinta dos Cavaleiros		
Fontes da Vila		
Habitação/ Séc.XVI		
Igreja de S. Gens		
Igreja de S. Geraldo		
Igreja e Santa Casa da Misericórdia		
Lápide do Chafariz da Cidade de Montemor-o-Novo		
Lápide na Parede Fronteira à Casa da Câmara		
Monte da Comenda da Igreja		
Monte de Benalfange		
Palácio do Séc.XVIII		
Pórtico da Quinta das Laranjas/Porrincha		
Pórtico da Quinta dos Cavaleiros e Fonte		
Pórtico e Fonte da Quinta da Asneira		
Quinta e Fonte da Asneira		
Quinta da Torrinha		
Quinta da Videira		
Rabaçal		
Santos Passos (estações)		
Sepultura Romana/medieval		
Sítio Romano		
Sítio Romano da Fonte do Prior		
Torre do Almansor		
Anta 1 do Escoural		Santiago do Escoural
Anta Capela de Nossa Senhora do Livramento		
Anta da Carvoeira		
Anta da Esfola-Caras (n.i.)		
Anta da Figueira		
Anta da Nogueira		
Anta de S.Brissos		
Anta de Vale de Mós		
Anta do Falcão		
Anta do Outeiro de São Brissos		
Anta Ermida de Nossa Senhora do Livramento		
Antas da Malhada		
Antas da Rocha		
Antas do Carapetal		
Antas do Olival		
Chaminés		
Conjunto das minas da nogueirinha		
Convento dos Monges		
Estação Arqueológica		
Gruta com Arte Rupestre		
Grutas do Escoural		
Habitat romano/medieval		
Igreja de S. Brissos		
Igreja de Santiago do Escoural		
Igreja Paroquial de S. Brissos		
Igreja Paroquial de Santiago do Escoural		

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA
Lagar de Cima	Santiago do Escoural
Menir de Vale de Mós	
Menires da Malhada	
Minas da Nogueirinha	
Moinho das Falés	
Nogueira	
Possível habitat;Romano	
Qta/Igreja de N Sra do Rosário	
Quinta da Torre do Carvalhal	
Quinta de N. Sra do Rosário	
Sepultura da Chaminé	
Sepultura de Polome	
Sepultura do Escoural 2	
Tholos do Escoural	
Vestígios romanos - via	
Anta das Casas de Baixo	São Cristovão
Antas da Quinta do Gato	
Antas de Vale d'Asna	
Antas do Tojal	
Antas dos Castelos	
Conjunto Megalítico do Tojal	
Cromeleque das Casas de Baixo	
Freixo	
Igreia Paroquial de S.Cristovão	
Igreja de S. Cristovão	
Igreja de S. Romão	
Menir da Sobreira	
Menir do Tojal	
Moagem Tradicional	
Recinto do Tojal	
Sepultura das Casas de Baixo 2	
Sepulturas da Quinta do Gato	
Sítio Paleolítico	
Anta da Horta da Rabasqueira	Silveiras
Antas da Sobreira	
Conjunto de Casas de Habitação em Taipa	
Cromeleque dos Cuncos	
Igreja de Safira	
Igreja de St. Aleixo	
Igreja N Sra da Natividade de Safira	
Menir da Courela da Casa Nova	
Menir do Sideral	
Recinto do Sideral	

ANEXO 7 – SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO – DIAGNÓSTICO

Grupo-Alvo	Comportamento de Risco				Impacto e Danos			
	O quê?	Como?	Onde (freguesia/local)?	Quando?	N.º Ocorrências	Área Ardida	Danos	Custos
Automobilista	Provocar incêndios	Circulação em espaços florestais na época crítica; lançamento de lixo pela janela do carro (latas, pontas de cigarro, vidros)	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			
Proprietário Florestal	Provocar incêndios	Efetuar queimadas sem licenciamento da Câmara Municipal e durante o período crítico	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			
Agricultor / Trabalhador Rural	Provocar incêndios	Uso incorreto do fogo; queima de resíduos florestais, utilização de máquinas agrícolas/florestais nos dias de maior risco de incêndio.	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			
Caçador	Provocar incêndios	Uso incorreto do fogo	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			
Pastor	Provocar incêndios	Uso incorreto do fogo	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			
Operador de Máquinas	Provocar incêndios	Manuseamento de máquinas e equipamentos durante o período crítico de risco de incêndio	Freguesias rurais	Período crítico	Sem Informação			

ANEXO 8 – SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO – OBJECTIVOS E ACÇÕES

Problema Diagnosticado	Objetivo	Acção	Execução Anual da Acção				
			ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Utilização incorrecta do fogo e de maquinaria florestal durante o período crítico de incêndios florestais	Alerta da população, em especial proprietários florestais e trabalhadores rurais: 1.º Importância de limpeza de matas; 2.º Normas de segurança durante a exploração florestal; 3.º Uso do fogo: fumar, fogueiras e queimadas	Distribuição de folhetos no início e durante a época de maior risco de incêndio florestal; Sensibilização pelo Voluntariado Jovem para as Florestas a utilizadores de espaços florestais, a título de profissão ou lazer, que encontrem por circunstância.	Distribuição de 10.000 folhetos				
	Sensibilizar a população: - Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.	Colocação de outdoors informativos relativos à problemática de incêndios florestais e defesa da floresta.	1 Outdoor				
		Colocação de muppies informativos relativos à problemática de incêndios florestais e defesa da floresta.	45 Muppies				

Problema Diagnosticado	Objetivo	Ação	Execução Anual da Ação				
			ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Utilização incorreta do fogo, durante o período crítico de incêndios florestais	Sensibilizar a população: - Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.	Difusão de uma campanha de rádio, que integre: - Emissão de spots; - Entrevistas e/ou debates com elementos responsáveis pela Proteção Civil, alertando para a problemática dos incêndios florestais, medidas de DFCI e de auto proteção; - Divulgação do índice diário de risco de incêndio. A emissão será realizada durante o período crítico, com maior frequência nos dias de maior risco.	720 Emissões	720 Emissões	720 Emissões	720 Emissões	720 Emissões
		Publicação nos jornais e nas edições municipais de: - Anúncios relativos à problemática dos incêndios florestais - Medidas para a defesa da floresta e autoproteção das populações. - Publicação de entrevistas com responsáveis da Proteção Civil sobre a temática em análise.	8 Publicações	8 Publicações	8 Publicações	8 Publicações	8 Publicações

Problema Diagnosticado	Objetivo	Ação	Execução Anual da Ação				
			ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Utilização incorreta do fogo, durante o período crítico de incêndios florestais	Sensibilizar a população: - Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.	Publicação de informação relativa à problemática dos incêndios florestais, bem como medidas para a defesa da floresta e autoproteção das populações, no sítio do Município na Internet. Será também associada ao referido sítio uma mailing -list, onde será adicionada informação relevante à DFCl, como por exemplo o Índice Diário de Risco de Incêndio Florestal.	Online todo o ano	Online todo o ano	Online todo o ano	Online todo o ano	Online todo o ano
		Instalação de painéis indicativos do índice de risco de incêndio florestal	4 Painéis	Manutenção de 4 painéis	4 Painéis	Manutenção de 4 painéis	4 Painéis

Problema Diagnosticado	Objectivo	Acção	Execução Anual da Acção				
			ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Utilização incorrecta do fogo, durante o período crítico de incêndios florestais	Sensibilizar a população: - Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.	Realização de um fórum dedicado à temática da Proteção Civil, com especial destaque para a problemática dos incêndios florestais e da DFCI, sendo o PMDFCI o tema central. Durante a realização do evento será distribuído material de apoio alusivo à mesma temática.	-	-	1 Fórum com distribuição de 1.500 folhetos	-	-
		Produção de um desdobrável temático a distribuir no dia da Floresta e da Árvore.	-	700 Folhetos	700 Folhetos	700 Folhetos	700 Folhetos
	Sensibilizar a população infanto-juvenil acerca da: - Importância de preservar os espaços florestais dos incêndios.	- Realização de sessões de esclarecimento, para a problemática dos incêndios florestais e da DFCI. Durante a realização do evento será distribuído material de apoio alusivo à mesma temática; - Plantação de árvores: iniciativa a realizar no dia da Floresta e da Árvore.	-	Realização de 1 sessão informativa com as escolas do Concelho	Realização de 1 sessão informativa com as escolas do Concelho	Realização de 1 sessão informativa com as escolas do Concelho	Realização de 1 sessão informativa com as escolas do Concelho

Problema Diagnosticado	Objectivo	Acção	Execução Anual da Acção				
			ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Desconhecimento do impacte das campanhas de sensibilização junto da população.	Aferir a eficácia das campanhas de sensibilização levadas a cabo antes e durante a época crítica	Realização de uma sondagem à população do Concelho, com especial destaque para a população rural	-	-	-	-	1 Sondagem

ANEXO 9 – SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO – ESTIMATIVA DE ORÇAMENTOS E RESPONSÁVEIS

Objetivo	Ação	Freguesia	Responsável	Estimativa de Orçamentos (€)				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
<p>Alerta da população, em especial proprietários florestais e trabalhadores rurais:</p> <p>1.º Importância de limpeza de do espaço rural;</p> <p>2.º Normas de segurança durante a exploração florestal;</p> <p>3.º Uso do fogo: fumar, fogueiras, queimas e queimadas</p>	<p>Distribuição de folhetos no início e durante a época de maior risco de incêndio florestal;</p> <p>Sensibilização pelo Voluntariado Jovem para as Florestas a pessoas que se encontrem, por circunstância, nomeadamente a utilizadores de espaços florestais, como profissão ou lazer.</p>	Cabrela	CMDFCI	1.000,00	1.050,00	1.100,00	1.150,00	1.200,00
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
		São Cristóvão						
	Antiga Freguesia de Silveiras							
	Sub-total			1.000,00	1.050,00	1.100,00	1.150,00	1.200,00
<p>Sensibilizar a população:</p> <p>- Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.</p>	<p>Colocação de outdoors informativos relativos à problemática de incêndios florestais e defesa da floresta.</p>	Cabrela	CMDFCI	600,00	605,00	610,00	615,00	620,00
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
		São Cristóvão						
	Antiga Freguesia de Silveiras							
	Sub-total			600,00	605,00	610,00	615,00	620,00

Objectivo	Acção	Freguesia	Responsável	Estimativa de Orçamentos (€)				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
<p>Sensibilizar a população:</p> <p>- Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.</p>	Colocação de muppies informativos relativos à problemática de incêndios florestais e defesa da floresta.	Cabrela	CMDFCI	720,00	731,25	742,50	753,75	765,00
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
		São Cristóvão						
	Antiga Freguesia de Silveiras							
	Sub-total		720,00	731,25	742,50	753,75	765,00	
	Difusão de uma campanha de rádio, que integre: - Emissão de spots; - Entrevistas e/ou debates com elementos responsáveis pela Protecção Civil, alertando para a problemática dos incêndios florestais, medidas de DFCl e de auto protecção; - Divulgação do índice diário de risco de incêndio. A emissão será realizada durante o período crítico, com maior frequência nos dias de maior risco.	Cabrela	CMDFCI	1.202,40	1209,60	1216,80	1.224,00	1.231,20
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
São Cristóvão								
Antiga Freguesia de Silveiras								
Sub-total		1.202,40	1209,60	1216,80	1.224,00	1.231,20		

Objectivo	Acção	Freguesia	Responsável	Estimativa de Orçamentos (€)					
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Sensibilizar a população: - Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.	Instalação de painéis indicativos do índice de risco de incêndio florestal	Cabrela	CMDFCI	1.000,00		1.050,00		1.100,00	
		Ciborro							
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre							
		Foros de Vale Figueira							
		Lavre							
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo							
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila							
		Santiago do Escoural							
		São Cristóvão							
	Antiga Freguesia de Silveiras								
	Sub-total			1.000,00		1.050,00		1.100,00	
	Realização de um fórum dedicado à temática da Protecção Civil, com especial destaque para a problemática dos incêndios florestais e da DFCI, sendo o PMDFCI o tema central. Durante a realização do evento será distribuído material de apoio alusivo à mesma temática.	Cabrela	CMDFCI				2.000,00		
		Ciborro							
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre							
Foros de Vale Figueira									
Antiga Freguesia de Lavre									
Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo									
Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila									
Santiago do Escoural									
São Cristóvão									
Antiga Freguesia de Silveiras									
Sub-total			0,00	0,00	2.000,00	0,00	0,00		

Objectivo	Acção	Freguesia	Responsável	Estimativa de Orçamentos (€)				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
<p>Sensibilizar a população:</p> <p>- Prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.</p>	Produção de um desdobrável temático a distribuir no dia da Floresta e da Árvore.	Cabrela	CMDFCI		119,00	126,00	126,00	133,00
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
		São Cristóvão						
	Antiga Freguesia de Silveiras							
	Sub-total		0,00	119,00	126,00	126,00	133,00	
	Realização de sessões de esclarecimento, para a problemática dos incêndios florestais e da DFCI. Durante a realização do evento será distribuído material de apoio alusivo à mesma temática.	Cabrela	CMDFCI		2.000,00	2.000,00	2.000,00	2.000,00
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
São Cristóvão								
Antiga Freguesia de Silveiras								
Sub-total		0,00	2.000,00	2.000,00	2.000,00	2.000,00		

Objectivo	Acção	Freguesia	Responsável	Estimativa de Orçamentos (€)				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Aferir a eficácia das campanhas de sensibilização levadas a cabo antes e durante a época crítica	Realização de uma sondagem à população do Concelho, com especial destaque para a população rural	Cabrela	CMDFCI					
		Ciborro						
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre						
		Foros de Vale Figueira						
		Antiga Freguesia de Lavre						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo						
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila						
		Santiago do Escoural						
		São Cristóvão						
		Antiga Freguesia de Silveiras						
	Sub-total			0,00	0,00	0,00	0,00	4.000,00

ANEXO 10 – FISCALIZAÇÃO

Área de Actuação	Grupo-Alvo	Período de Actuação	Entidade Responsável	Meios Envolvidos		Actividade Desenvolvida
				Recursos Humanos	Recursos Materiais	
<p>Concelho de Montemor-o-Novo (1.232,9 km²)</p>	<p>População em geral</p>	<p>Todo o ano, com especial incidência durante o período crítico de incêndios</p>	<p>GNR/SEPNA</p>	<p>14 Elementos (EPNA, EPF e restantes elementos do dispositivo territorial)</p>	<p>9 Viaturas 4x4; 7 Viaturas 4x2; 3 Motas TT</p>	<p>Identificação de todas as situações de maior risco e notificação dos responsáveis de forma a executar os actos estabelecidos na lei, no que se refere às faixas exteriores de protecção.</p>
						<p>Patrulhamento de zonas vulneráveis aos incêndios florestais.</p>
						<p>Investigação e despistagem das causas dos incêndios.</p>
						<p>Vigilância de indivíduos pré-identificados com "perfil desviante".</p>
						<p>Fiscalização do comportamento da população nas áreas de maior risco de incêndio.</p>

ANEXO 11 – FISCALIZAÇÃO - OBJECTIVOS E ACÇÕES

Objectivo	Acção	Execução Anual da Acção				
		ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Diminuição da área ardida e do número de ocorrências	Identificação de todas as situações de maior risco e notificação dos responsáveis pela execução os actos estabelecidos na lei, no que se refere às faixas exteriores de protecção.	1º Semestre				
	Patrulhamento das zonas mais vulneráveis aos incêndios florestais.	Todo o ano, com especial incidência durante o período crítico de incêndios				
	Investigação e despistagem das causas dos incêndios.					
	Vigilância de indivíduos pré-identificados com "perfil desviante".					
	Fiscalização do comportamento da população em zonas de elevado risco de incêndio.					

ANEXO 12 – FISCALIZAÇÃO – ESTIMATIVA DE ORÇAMENTO E RESPONSÁVEIS

Objectivo	Acção	Freguesia	Responsáveis	Estimativa de Orçamentos				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Diminuição da área ardida e do número de ocorrências	Identificação de todas as situações de maior risco e notificação dos responsáveis pela execução dos actos estabelecidos na lei no que se refere às faixas exteriores de protecção.	Cabrela	GNR/SEPNA do Destacamento Territorial de Montemor-o- Novo		€	€	€	€
		Ciborro		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		€	€	€	€	€
		Foros de Vale Figueira		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Lavre		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		€	€	€	€	€
		Santiago do Escoural		€	€	€	€	€
		São Cristóvão		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Silveiras		€	€	€	€	€
	Sub-total		€	€	€	€	€	
	Patrulhamento das zonas mais vulneráveis aos incêndios florestais.	Cabrela	GNR/SEPNA do Destacamento Territorial de Montemor-o- Novo	€	€	€	€	€
		Ciborro		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		€	€	€	€	€
		Foros de Vale Figueira		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Lavre		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		€	€	€	€	€
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		€	€	€	€	€
		Santiago do Escoural		€	€	€	€	€
		São Cristóvão		€	€	€	€	€
Antiga Freguesia de Silveiras		€		€	€	€	€	
Sub-total		€	€	€	€	€		

Investigação e despistagem das causas dos incêndios.	Cabrela	GNR/SEPNA do Destacamento Territorial de Montemor-o-Novo	€3	€3	€3	€3	€3
	Ciborro		€3	€3	€3	€3	€3
	Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
	Foros de Vale Figueira		€3	€3	€3	€3	€3
	Antiga Freguesia de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
	Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		€3	€3	€3	€3	€3
	Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		€3	€3	€3	€3	€3
	Santiago do Escoural		€3	€3	€3	€3	€3
	São Cristóvão		€3	€3	€3	€3	€3
	Antiga Freguesia de Silveiras		€3	€3	€3	€3	€3
Sub-total			€3	€3	€3	€3	€3

Acção	Metas	Freguesia	Responsáveis	Estimativa de Orçamentos				
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Diminuição da área ardida e do número de ocorrências	Vigilância de indivíduos pré-identificados com "perfil desviante".	Cabrela	GNR/SEPNA do Destacamento Territorial de Montemor-o-Novo	€3	€3	€3	€3	€3
		Ciborro		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
		Foros de Vale Figueira		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		€3	€3	€3	€3	€3
		Santiago do Escoural		€3	€3	€3	€3	€3
		São Cristóvão		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Silveiras		€3	€3	€3	€3	€3
	Sub-total		€3	€3	€3	€3	€3	
	Fiscalização do comportamento da população nas freguesias de maior risco de incêndio.	Cabrela	GNR/SEPNA do Destacamento Territorial de Montemor-o-Novo	€3	€3	€3	€3	€3
		Ciborro		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
		Foros de Vale Figueira		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Lavre		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		€3	€3	€3	€3	€3
		Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		€3	€3	€3	€3	€3
		Santiago do Escoural		€3	€3	€3	€3	€3
		São Cristóvão		€3	€3	€3	€3	€3
Antiga Freguesia de Silveiras		€3		€3	€3	€3	€3	
Sub-total		€3	€3	€3	€3	€3		
			Total	€3	€3	€3	€3	€3

ANEXO 13 – DESCRIÇÃO DA REDE DE VIGILÂNCIA FIXA, OFICIAL, DO CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO

		PV (66-01)	PV (53-01)	PV (53-02)	PV (53-03)	PV (53-04)	PV (64-02)	PV (62-02)	PV (70-01)
Toponímia		Godeal	Agolada	Cascavel	São Torcato	Cabeço da Rainha	Montargil	Sr.ª da Esperança	Macieira
Designação		Godeal	Agolada	Cascavel	São Torcato	Cabeço da Rainha	Montargil	Sr.ª da Esperança	Macieira
Localização	Concelho	Montemor-o-Novo	Coruche	Coruche	Coruche	Benavente	Ponte de Sôr	Viana do Alentejo	Alcácer do Sal
	Freguesia	Lavre	Agolada	Fajarda	Coruche	Samora Correia	Montargil	Alcáçovas	Santiago
Entidade Coordenadora		GNR	GNR	GNR	GNR	GNR	GNR	GNR	GNR
Conservação		Razoável	Razoável	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom	Razoável
Estado		Operacional	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional
Estrutura		Metálica	Alvenaria	Metálica	Metálica	Metálica	Metálica	Metálica	Metálica
Altitude (m)		222	107	81	134	46	282	282	118
Altura (m)		10	32	12	12	10	12	12	8
Altura da plataforma (m)		8	30	10	10	8	10	10	6

ANEXO 14 – ENTIDADES ENVOLVIDAS EM CADA ACÇÃO E INVENTÁRIO DE EQUIPAMENTO E FERRAMENTAS DE SAPADOR

Acção	Entidade	Identificação da Equipa	Recursos humanos (n.º)	Área de Actuação (Sectores Territoriais)	Período de Actuação	Tipo de Viatura			Equipamento de supressão hidráulico			Ferramenta de sapador								
						4X4	4X2	Outro	Capacidade de água (l)	Potência (Hp)	Comprimento total das mangueiras (m)	Foice	Ancinho	Ancinho/Enxada (McLeod)	Polaski	Enxada	Abafador	Bomba dorsal	Motosserra	Motorçoçadora
Vigilância e Detecção	GNR	NPA e Postos Territoriais	Efetivo Varável num período de 24h/dia	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Fase Bravo (15 Maio - 30 Junho)	9	3	2 Motos todo o terreno												
			Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro)																	
			Parte fase Delta (1 Outu. - 31 Outubro)																	
		Efetivo variável consoante o risco de incêndio																		
			Posto de Vigia do Godeal	4		Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro)														
	BVMN	ECIN'S	5	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Fase Bravo (15 Maio - 30 Junho)	VFCI 06			3500	150	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0
			10		Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro)	VFCI 06 VFCI 04			3500 2000	150 210	350	2 2	2 2	2 2	2 2	2 2	0 0	1 1	0 2	
			5		Parte fase Delta (1 Outubro - 15 Outubro)	VFCI 06			3500	150	350	2	2	2	2	2	0	1	0	
			EVF	4	Vigilância Fixa	Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro)														
	TOTAL						14			5500		700							2	2

Acção	Entidade	Identificação da Equipa	Recursos humanos (n.º)	Área de Actuação (Sectores Territoriais)	Período de Actuação	Tipo de Viatura			Equipamento de supressão hidráulico			Ferramenta de saporador										
						4X4	4X2	Outro	Capacidade de água (l)	Potência (Hp)	Comprimento total das mangueiras (m)	Foição	Ancinho	Ancinho/Enxada (McLeod)	Polaski	Enxada	Abafador	Bomba dorsal	Motoserra	Motorregadora		
Combate	BVMN	Quadro Activo	75	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Fase Bravo (15 maio - 30 junho)	VCOT 01				108												
						VCOT 02				160												
						VCOT 03				75												
		Quadro Activo	75		Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)	VFCI 06			3500	150	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0		
						VFCI 04			2000	210	350	2	2	2	2	2	2	0	1	2		
						VFCI 05			3200	220	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0		
					CECI 07			4300	210	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0			
					VTTR 04			7400	130	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0			
					VLCI 02			400	83	250	0	0	1	0	2	2	0	0	0			
							VTGC 02 (6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0			
							VTGC 03(6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0			
						VTT U 01		6000	340	350	0	0	0	0	0	0	0	0	0			
					VCOT 01				108													
					VCOT 02				160													
		VCOT 03					75															
		ECIN'S	5			VFCI 06			3500	150	350	2	2	2	2	2	0	1	0			
		Quadro Activo	75			Parte fase Delta (1 outubro - 15 outubro)	VFCI 04			2000	210	350	2	2	2	2	2	0	1	2		

Acção	Entidade	Identificação da Equipa	Recursos humanos (n.º)	Área de Atuação (Sectores Territoriais)	Período de Atuação	Tipo de Viatura			Equipamento de supressão hidráulico			Ferramenta de sapor								
						4X4	4X2	Outro	Capacidade de água (l)	Potência (Hp)	Comprimento total das mangueiras (m)	Foição	Ancinho	Ancinho/Enxada (McLead)	Polaski	Enxada	Abafador	Bomba dorsal	Motosserra	Motorfogadoura
Combate	BVMN	Quadro Activo	75	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Parte fase Delta (1 outubro - 15 outubro)	VFCI 05			3200	220	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VECI 07			4300	210	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VTTR 04			7400	130	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VLCI 02			400	83	250	0	0	1	0	2	2	0	0	0
								VTGC 02 (6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0
								VTGC 03 (6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0
							VTTU 01		6000	340	350	0	0	0	0	0	0	0	0	0
						VCOT 01				108										
						VCOT 02				160										
						VCOT 03				75										
						TOTAL						9								2
Rescaldo e vigilância pós-incêndio	BVMN	ECIN'S e Quadro Activo	80	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Fase Bravo (15 maio - 30 junho) Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro) Parte fase Delta (01 Outubro a 15 Outubro)	VFCI 06			3500	150	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VFCI 04			2000	210	350	2	2	2	2	2	2	0	1	2

Acção	Entidade	Identificação da Equipa	Recursos humanos (n.º)	Área de Atuação (Sectores Territoriais)	Período de Atuação	Tipo de Viatura			Equipamento de supressão hidráulico			Ferramenta de sapor								
						4X4	4X2	Outro	Capacidade de água (l)	Potência (Hp)	Comprimento total das mangueiras (m)	Foição	Ancinho	Ancinho/Enxada	Polaski	Enxada	Abafador	Bomba dorsal	Motoserra	Motorrodadura
Rescaldo e vigilância pós-incêndio	BVMN	ECIN'S e Quadro Activo	80	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710	Fase Bravo (15 maio - 30 junho) Fase Charlie (1 Julho - 30 Setembro) Parte fase Delta (01 Outubro a 15 Outubro)	VFCI 05			3200	220	350	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VECI 07			4300	210	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VTTR 04			7400	130	250	2	2	2	2	2	2	0	1	0
						VLCI 02			400	83	250	0	0	1	0	2	2	0	0	0
								VTGC 02 (6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0
								VTGC 03 (6X2)	16000	250	150	0	0	1	0	2	2	0	0	0
							VTTU 01		6000	340	350	0	0	0	0	0	0	0	0	0
						VCOT 01				108										
						VCOT 02				160										
						VCOT 03				75										1
	Empresas Privadas de Monfurado	Sociedade Agrícola Luis Gonzalez, S.A. Maria Paula Figueiredo Monfurado - Sociedade Agropecuária, Lda.	S040709 S040710	Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)	1			600	6,5	60										
					1			600	6,5	60										
					1			600	6,5	60										

Acção	Entidade	Identificação da Equipa	Recursos humanos (n.º)	Área de Atuação (Sectores Territoriais)	Período de Atuação	Tipo de Viatura			Equipamento de supressão hidráulico			Ferramenta de saporador										
						4X4	4X2	Outro	Capacidade de água (l)	Potência (Hp)	Comprimento total das mangueiras (m)	Foição	Ancinho	Ancinho/Enxada (McLeod)	Polaski	Enxada	Abafador	Bomba dorsal	Motosserra	Motorçoçadoura		
Rescaldo e vigilância pós-incêndio	Empresas Privadas de Monfurado	Associados da liga dos pequenos e Médios Agricultores	-	S040709 S040710	Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)	1			600	6,5	60											
		Courela do Espinhaço, Herdade da Serrinha e Herdade da Azinheira				1			600	6,5	60											
		Herdade da Crasta				1			600	6,5	60											
	GNR	NPA e Postos Territoriais	Efetivo Variável num período de 24h/dia	S040701 S040702 S040703 S040704 S040705 S040706 S040707 S040708 S040709 S040710		Fase Bravo (15 maio - 30 junho)	9	3	2 MOTOS TODO O TERREN O													
						Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)																
						Parte fase Delta (1 outubro - 15 outubro)																
		Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)																				
		Posto de Vigia do Godeal	3			Fase Charlie (1 julho - 30 setembro)																
	TOTAL						27			56900										3	2	

CONTEÚDO

RESERVADO

ANEXO 16 – DISPOSITIVOS OPERACIONAIS – FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES

Entidades		Informação e Educação	Patrulhamento e Fiscalização	Vigilância e Detecção	1ª Intervenção	Combate	Rescaldo	Vigilância Pós-Incêndio	Despistagem das Causas
BVMMN	ECIN	Responsabilidade da Entidade							
CMMN	EVF	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade	Sem Responsabilidade	Sem Responsabilidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade
	Gabinete de Proteção Civil e Segurança	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade						
GNR/SEPNA	EPNA	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade				
	EPF	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade				
	Restantes Elementos do Destacamento Territorial de Montemor-o-Novo	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade	Sem Responsabilidade	Sem Responsabilidade	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade
CMDFCI		Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade						
Empresas Privadas de Monfurado		Sem Responsabilidade	Responsabilidade da Entidade	Responsabilidade da Entidade	Sem Responsabilidade				
Polícia Judiciária		Sem Responsabilidade	Responsabilidade da Entidade						

Legenda:

 Sem Responsabilidade

 Responsabilidade da Entidade

ANEXO 17 – NÍVEL DE ALERTA AMARELO PELA ANPC

Nível de Alerta	Situação	Medidas a Adoptar				
		CDOS	SMPC	Agentes de Protecção Civil	Outras Organizações Integrantes do DECIF	Entidades Técnico-Científicas
Situação de Gravidade 3: Alerta Amarelo	Previsibilidade de ocorrências, podendo ultrapassar a capacidade de reposta sectorial do Município	Promove informação ao Sistema Distrital e Municipal de Protecção Civil	Promove informação ao Sistema Municipal de Protecção Civil	Garantem o nível de prontidão até 06 horas às solicitações da CMPC		Garantem o nível de prontidão adequado às solicitações da CMPC
		Procede à monitorização da situação Distrital	Procede à monitorização da situação municipal	Aumento do estado de prontidão dos dispositivos		
		Reforço da prevenção, da vigilância, detecção e mobilização dos meios distritais de intervenção.	Reforço da prevenção, da vigilância, detecção e mobilização dos meios municipais de intervenção	Pré posicionamento dos meios		
		Reforço dos operadores.				
		Activa uma célula de acompanhamento da situação Distrital	Activa uma célula de acompanhamento da situação municipal	Tomada de medidas de prevenção e vigilância activa		Aumento do fluxo de informação com a realização de até dois briefings diários
		Mantém o Governador Civil informado	Mantém o Presidente da CMPC informado			
		Promove informação pública articulada com o CNOS	Promove a informação pública	Aumento da capacidade de ataque inicial		

Fonte: Directiva Operacional Nacional n.º 1/2008

ANEXO 18 – NÍVEL DE ALERTA LARANJA PELA ANPC

Nível de Alerta	Situação	Medidas a Adoptar					
		CDOS	SMPC	Agentes de Proteção Civil	Outras Organizações Integrantes do DECIF	Entidades Técnico-Científicas	
Situação Gravidade 2: Alerta Laranja	Previsibilidade de ocorrências ou ocorrências múltiplas, com necessidade de reposta Distrital	Informa os Agentes de Proteção Civil e outras entidades da mudança de nível de Alerta	Informa os Agentes de Proteção Civil e outras entidades municipais de mudança de nível de Alerta	Garantem o nível de prontidão até 03h às solicitações da Comissão Municipal de Proteção Civil		Garantem o nível de prontidão adequado às solicitações da Comissão Municipal de Proteção Civil	
		Promove informação ao sistema Distrital e Municipal de Proteção Civil	Promove informação ao Sistema Municipal de Proteção Civil	Reforço global do estado de prontidão dos dispositivos distritais e nacionais			
		Procede à monitorização da situação Distrital	Procede à monitorização da situação municipal	Reforço do acompanhamento e controlo das situações			
			Reforço de prevenção, da vigilância, deteção e mobilização dos meios municipais de intervenção	Reforço da prevenção, da vigilância, deteção e mobilização dos meios municipais de intervenção	Reforço da prevenção activa		Garantia da realização de pelo menos dois briefings diários
			Mantém o reforço dos operadores, garantindo o registo imediato das ocorrências	Articulação permanente com o Comando Distrital de Operações de Socorro	Reforço da coordenação de todas as ações de vigilância activa		
			Mantém o Governador Civil informado e articula as decisões com ele	Mantém o Presidente da Comissão Municipal de Proteção Civil informado e articula as decisões com ele	Reforço do pré-posicionamento de meios em zonas críticas		
			Propõe a ativação do Comando Distrital de Proteção Civil	Propõe a ativação do Comando Municipal de Proteção Civil	Reforço do ataque inicial com qualquer tipo de meios		Colocação do Serviço Municipal de Proteção Civil de delegado permanente
			Reforça a célula de acompanhamento da situação distrital	Reforça a célula de acompanhamento da situação municipal	Colocação do Serviço Municipal de Proteção Civil de delegado permanente		
			Promove a informação pública articulada com o CNOS	Promove informação pública	Colocação do Serviço Municipal de Proteção Civil de delegado permanente		

Fonte: Directiva Operacional Nacional n.º 1/2008

ANEXO 19 – NÍVEL DE ALERTA VERMELHO PELA ANPC

Nível de Alerta	Situação	Medidas a Adohtar				
		CDOS	SMPC	Agentes de Protecção Civil	Outras Organizações Integrantes do DECIF	Entidades Técnico-Científicas
Situação Gravidade 1: Alerta Vermelho	Previsibilidade de ocorrência ou ocorrências múltiplas, com necessidade de reposta Distrital global	Promove informação detalhada à estrutura Distrital e Municipal de Protecção Civil	Promove informação detalhada à estrutura Municipal de Protecção Civil	Garantem o nível de prontidão imediata às solicitações da Comissão Municipal de Protecção Civil		Garantem o nível de prontidão adequado às solicitações da Comissão Municipal de Protecção Civil
		Procede à monitorização da situação Distrital	Procede à monitorização da situação Municipal			
		Promove a mobilização geral dos meios distritais de intervenção	Promove a mobilização geral dos meios municipais de intervenção			
		Mantém o reforço dos operadores, garantindo o registo imediato das ocorrências	Mantém articulação permanente com o CDOS	Mobilização geral de todos os intervenientes		
		Mantém o reforço da célula de acompanhamento da situação Distrital	Mantém o reforço da célula de acompanhamento da situação Municipal			
		Mantém o Governador Civil informado e articula as decisões com ele	Mantém o presidente da Comissão municipal de Protecção Civil informado e articula as decisões com ele	Comissão Municipal de Protecção Civil em funcionamento permanente		Fluxo de informação permanente e detalhada
		Promove informação pública articulada com o CNOS	Promove a informação pública			

Fonte: Directiva Operacional Nacional n.º 1/2008

ANEXO 20 – PROCEDIMENTOS DE ACTUAÇÃO PERANTE OS NÍVEIS DE ALERTA AMARELO, LARANJA E VERMELHO

Entidades	Alerta Amarelo				Alerta Laranja				Alerta vermelho			
	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento
BVMN ECIN's + Quadro ativo	Vigilância	24 Horas/dia	5	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Vigilância	24 Horas/dia	5	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Vigilância	24 Horas/dia	5	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704
	Intervenção; Combate; Rescaldo; Vigilância pós- incêndio			LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Intervenção Combate Rescaldo Vigilância pós- incêndio			LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Intervenção Combate Rescaldo Vigilância pós- incêndio			LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704
GNR/SEPNA EPNA/EPF	Patrulhamento e Fiscalização Investigação de causas Condicionamento de acessos a zonas críticas Escolta e Segurança Apoio à evacuação	24 Horas/dia	4	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Patrulhamento e fiscalização	24 Horas/dia	4	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Patrulhamento e fiscalização	24 Horas/dia	4	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704
	Vigilância				Vigilância				Vigilância			
CMMN	Vigilância	9 às 19h	4	LEE 040707 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Vigilância	9 às 19h	4	LEE 040707 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Vigilância	9 às 19h	4	LEE 040707 LEE 040711 EE 040702 LEE 040703 LEE 040704

Entidades	Alerta Amarelo				Alerta Laranja				Alerta vermelho			
	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento	Atividades	Horário	N.º Mínimo de elementos	Locais de Posicionamento
Empresas Privadas de Monfurado	Vigilância Pós-incêndio	24 Horas/dia	1 elemento por propriedade	-	Vigilância Pós-incêndio	24 Horas/dia	1 elemento por propriedade		Vigilância Pós-incêndio	24 Horas/dia	1 elemento por propriedade	-
Polícia Judiciária	Despistagem de causas quando a situação assim o exige	-	-	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704	Despistagem de causas quando a situação assim o exige	-	-	-	Despistagem de causas quando a situação assim o exige	-	-	LEE 040707 LEE 040710 LEE 040711 LEE 040702 LEE 040703 LEE 040704

CONTEÚDO

RESERVADO

ANEXO 22 – VIGILÂNCIA E DETECÇÃO, 1.ª INTERVENÇÃO, COMBATE, RESCALDO E VIGILÂNCIA PÓS-INCÊNDIO – METAS E RESPONSABILIDADES

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Cabreia	Vigilância		14	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância dissuasora	N.º	<14	<7	<4	<2	<1	
		1.568,58		Diminuir a área ardida	ha	<1.568,58	<784,29	<329,15	<196,07	<98,04	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	1.568,58	14	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Ciborro	Vigilância		7	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<7	<4	<2	<1	<0	
		58,66		Diminuir a área ardida	ha	<58,66	<29,33	<14,67	<7,33	<3,67	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	58,66	7	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre	Vigilância		7	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<7	<4	<2	<1	<0	
		4,62		Diminuir a área ardida	ha	<4,62	<2,31	<1,16	<0,58	<0,29	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	4,62	7	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Foros de Vale Figueira	Vigilância		2	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<2	<1	<1	<0	<0	
		40,00		Diminuir a área ardida	ha	<40,00	<20,00	<10,00	<5,00	<2,50	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	40,00	2	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Antiga Freguesia de Lavre	Vigilância		9	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<9	<5	<2	<1	<0	
		179,77		Diminuir a área ardida	ha	<179,77	<89,99	<44,94	<22,47	<11,24	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	179,77	9	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila	Vigilância		12	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<12	<6	<3	<2	<1	
		28,79		Diminuir a área ardida	ha	<28,79	<14,40	<7,20	<3,60	<1,80	
	Primeira Intervenção				Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15
	Combate aos Incêndios	Combate	28,79	12	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo	Vigilância		3	Diminuir o número de ocorrências através de ações de vigilância e deteção	N.º	<3	<2	<1	<0	<0	
		380,69		Diminuir a área ardida	ha	<380,69	<190,35	<95,17	<47,59	<23,79	
	Primeira Intervenção				Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15
	Combate aos Incêndios	Combate	380,69	3	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Santiago do Escoural	Vigilância		15	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<15	<8	<4	<2	<1	
		839,55		Diminuir a área ardida	ha	<839,55	<419,78	<209,89	<104,94	<52,47	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	839,55	15	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
São Cristóvão	Vigilância		3	Diminuir o número de ocorrências através de acções de vigilância e detecção	N.º	<3	<2	<1	<0	<0	
		47,75		Diminuir a área ardida	ha	<47,75	<23,88	<11,94	<5,97	<2,99	
	Primeira Intervenção				Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15
	Combate aos Incêndios	Combate	47,75	3	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

Freguesia	Acção	Área total (ha)	N.º de Ocorrências	Metas	Unidades	Indicadores mensuráveis					
						ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Antiga Freguesia de Silveiras	Vigilância		7	Diminuir o número de ocorrências através de ações de vigilância e deteção	N.º	<7	<4	<2	<01	<0	
		1.575,30		Diminuir a área ardida	ha	<1.575,30	<787,65	<393,83	<196,91	<98,46	
	Primeira Intervenção			Impedir a propagação de fogos emergentes e circunscrevê-los	Minutos	<20	<20	<15	<15	<15	
	Combate aos Incêndios	Combate	1.575,30	7	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma área ardida/incêndio menor	ha/incêndio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
		Rescaldo			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0
		Vigilância Pós-Incêndio			Evitar reacendimentos	N.º	1	1	0	0	0

ANEXO 23 – VIGILÂNCIA E DETECÇÃO, 1.ª INTERVENÇÃO, COMBATE, RESCALDO E VIGILÂNCIA PÓS-INCÊNDIO – ORÇAMENTO DAS ACÇÕES PROPOSTAS

Acção	Metas		Freguesia	Responsáveis	Estimativa de Orçamentos				
					ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5
Vigilância e Detecção	Diminuir o número de ocorrências através de ações de vigilância e deteção		Ciborro	GNR/SEPNA BVMMN CMMN	07	07	07	07	07
			Cabrela		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		07	07	07	07	07
			Fors de Vale Figueira		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Lavre		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		07	07	07	07	07
			Santiago do Escoural		07	07	07	07	07
			São Cristóvão		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Silveiras		07	07	07	07	07
	Sub-total		07	07	07	07	07		
	Diminuir a área ardida		Ciborro	GNR/SEPNA BVMMN CMMN	07	07	07	07	07
			Cabrela		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		07	07	07	07	07
			Fors de Vale Figueira		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Lavre		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		07	07	07	07	07
			Santiago do Escoural		07	07	07	07	07
			São Cristóvão		07	07	07	07	07
Antiga Freguesia de Silveiras			07		07	07	07	07	
Sub-total		07	07	07	07	07			
Primeira Intervenção	Impedir a propagação dos fogos emergentes e circunscrevê-los		Ciborro	BVMMN	07	07	07	07	07
			Cabrela		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		07	07	07	07	07
			Fors de Vale Figueira		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Lavre		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		07	07	07	07	07
			Santiago do Escoural		07	07	07	07	07
			São Cristóvão		07	07	07	07	07
			Antiga Freguesia de Silveiras		07	07	07	07	07
Sub-total		07	07	07	07	07			
Combate a Incêndios	Evitar a propagação dos incêndios, impedindo que		Ciborro	BVMMN	07	07	07	07	07
			Cabrela		07	07	07	07	07

	estes atinjam grandes dimensões, procurando obter uma menor área ardida		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		01	01	01	01	01
			Fors de Vale Figueira		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Lavre		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		01	01	01	01	01
			Santiago do Escoural		01	01	01	01	01
			São Cristóvão		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Silveiras		01	01	01	01	01
		Sub-total			01	01	01	01	01
Rescaldo			Ciborro		01	01	01	01	01
			Cabrela		01	01	01	01	01
Acção	Metas	Freguesia	Responsáveis	Estimativa de Orçamentos					
				ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	
Rescaldo	Evitar Reacendimentos		Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre	BVMMN; Empresas Privadas de Monfurado	01	01	01	01	01
			Fors de Vale Figueira		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Lavre		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		01	01	01	01	01
			Santiago do Escoural		01	01	01	01	01
			São Cristóvão		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Silveiras		01	01	01	01	01
	Sub-total			01	01	01	01	01	
Vigilância Pós-Incêndio	Evitar Reacendimentos		Ciborro	GNR/SEPNA; BVMMN, CMMN, Empresas Privadas de Monfurado	01	01	01	01	01
			Cabrela		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Cortiçadas de Lavre		01	01	01	01	01
			Fors de Vale Figueira		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Lavre		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vila		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Bispo		01	01	01	01	01
			Santiago do Escoural		01	01	01	01	01
			São Cristóvão		01	01	01	01	01
			Antiga Freguesia de Silveiras		01	01	01	01	01
	Sub-total			01	01	01	01	01	

ANEXO 24 – IDENTIFICAÇÃO DE RESPONSABILIDADES NA DFCI, POR ENTIDADE

	Competências Gerais	Entidades	Responsabilidades
CMDFCI	<ul style="list-style-type: none"> - Articular a actuação dos diferentes organismos com diferentes competências; - Definir procedimentos e periodicidades de monitorização e revisão do PMDFCI e do POM; - Articular a atuação dos diferentes organismos com diferentes competências; - Elaborar o PMDFCI e POM e garantir a sua revisão anual dentro do prazo de vigência dos mesmos; - Planificar reuniões da CMDFCI e estabelecer e data - Garantir o cumprimento das propostas na CMDFCI 	BVMMN	<ul style="list-style-type: none"> - Informação e educação; - Patrulhamento e fiscalização; - Vigilância e deteção; - Combate; - Rescaldo; - Vigilância pós-incêndio; e - Despistagem de causas.
		GNR/SEPNA	<ul style="list-style-type: none"> - Ações de informação; - Patrulhamento e fiscalização; - Vigilância e deteção; - Vigilância pós-incêndio; e - Despistagem de causas.
		Gabinete de Proteção Civil e Segurança da CMMN	<ul style="list-style-type: none"> - Construção/manutenção das FGC nas áreas da sua competência; - Ações de informação e educação do concelho; e - Vigilância e deteção.
		Juntas de Freguesia do Concelho de Montemor-o-Novo	<ul style="list-style-type: none"> - Alertar a CMDFCI acerca de alterações /atualizações que devem ser efetuadas no PMDFCI e no POM; - Colaborar na mobilização de meios localizados na sua área de incidência.
		ICNF	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar apoio técnico à CMDFCI no âmbito da elaboração e implementação do PMDFCI e do POM.
Outras Entidades		REN	Responsável pela construção/manutenção das FGC nas áreas da sua competência
		EDP	Responsável pela execução e manutenção das FGC nas áreas da sua competência.
		IP	- Responsável pela execução e manutenção das FGC nas áreas da sua competência.
		Proprietários Privados e/ou Públicos	<ul style="list-style-type: none"> - Responsável pela execução e manutenção das FGC nas áreas da sua competência; - Responsáveis pela manutenção de pontos de água nas áreas da sua competência.

ANEXO 25 – COMPETÊNCIAS DAS ENTIDADES INTERVENIENTES, POR EIXO ESTRATÉGICO

Eixo Estratégico	Descrição das Acções			
	ANO1-AN05			
	Acção			Entidade
1.º Eixo Estratégico	Implementação	RSFGC	Edificações	Proprietários Privados
			Aglomerados Populacionais	Proprietários Privados
			Rede Viária Florestal	EP, CMMN
			Rede Ferroviária	REFER
			Rede Elétrica AMT	EDP
			Rede Elétrica MAT	REN
	Implementação	Sobreposição entre componentes de RSFGC		Proprietários privados, REN, EDP, IP, CMMN
Manutenção	Rede Viária Florestal		Proprietários privados, IP, CMMN	
Manutenção	Rede de pontos de água		Proprietários privados e/ou públicos	
	Operações de Silvicultura Preventiva	Controlo de vegetação espontânea		Proprietários privados, REN, REFER, IP, CMMN
2.º Eixo Estratégico	Sensibilização	Alerta da população, em especial proprietários florestais e trabalhadores rurais, quanto à necessidade e importância de limpeza de matas e normas de segurança durante a exploração florestal e uso do fogo (Prática de fumar, queimadas, fogueiras, etc.).		CMDFCI
		Sensibilizar a generalidade da população, com a finalidade de prestar informação acerca das boas práticas de prevenção de incêndios.		CMDFCI
		Sensibilizar a população infanto-juvenil sobre a importância de preservar os espaços florestais, nomeadamente no que diz respeito aos incêndios.		CMDFCI
		Aferir a eficácia das campanhas de sensibilização levadas a cabo antes e durante a época crítica.		CMDFCI
	Fiscalização	Diminuição da área ardida e do número de ocorrências		GNR
3.º Eixo Estratégico	Vigilância e Deteção		GNR, BVMMN, CMMN	
	Primeira Intervenção e Combate		BVMMN	
	Rescaldo		BVMMN Empresas Privadas de Monfurado	
4.º Eixo Estratégico	Recuperação e reabilitação de ecossistemas (Acções a definir)		CMMN, ICNB, Proprietários privados, outras entidades	
5.º Eixo Estratégico	CMDCFI - Adoção de uma estrutura orgânica funcional e eficaz		Realização de reuniões	
			Elaboração do PMDFCI	
			Elaboração do POM	
			Implementação do POM	
			Coordenação das diferentes entidades de forma a garantir a implementação das mediadas emanadas pelo PMDFCI	

ANEXO 26 – FESTAS E ROMARIAS DO CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO

Mês de Realização	Dia de início/fim	Freguesia	Lugar	Designação	Observações
Março	8	-	Todo o Concelho	- Dia do Município - Dia Internacional da Mulher - Dia de São João de Deus	Feriado Municipal
Julho	1º Fim-de-semana	Santiago do Escoural	Casa Branca	Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	Santiago do Escoural	São Brissos		
	3º Fim-de-semana	Santiago do Escoural	Santiago do Escoural		
	2º Fim-de-semana	Ciborro		Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	N. Srª da Vila	Santa Sofia	Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	São Cristóvão		Festa em honra de São Cristóvão	
	4º Fim-de-semana	N. Srª do Bispo	Fazendas do Cortiço	Festas de Verão	
Agosto	1º Fim-de-semana	Foros de Vale Figueira		Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	Lavre		Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	Cabrela		Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	Lavre		Festas de Verão	
	2º Fim-de-semana	N. Sr.ª da Vila	São Mateus	Festas de Verão	
	3º Fim-de-semana	Cortiçadas de Lavre		Festas de Verão	
	3º Fim-de-semana	N. Sr.ª da Vila	Pintada / Stª Margarida	Festa em Honra de Stª Margarida	
4º Fim-de-semana	N. Sr.ª da Vila	Paião	Festas de Verão		
Setembro	Data indefinida	Silveiras	Silveiras	Festas de Verão	
	1º Fim-de-semana	-	Montemor-o-Novo	Feira da Luz / Expomor	Potencialmente alargada para uma semana completa